

MINISTÉRIO DA CULTURA e
PETROBRAS apresentam



KINOFORUM crítica curta

Projeto de Crítica Cinematográfica do 23º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo

Um estímulo à crítica cinematográfica

Parte integrante do Festival Internacional de Curtas-metragens de São Paulo, o projeto Crítica Curta há oito anos convida alunos de cursos de audiovisual a refletir sobre o formato de curta-metragem.

Durante o período do Festival, um grupo indicado por escolas parceiras se dedica à missão de redigir textos críticos e reflexivos sobre os filmes exibidos na Mostra Brasil, Panorama Paulista, Mostra Latino-americana, Oficinas Kinoforum e Mostra KinoOikos, que integram a programação do Festival.

Em 2012, 20 alunos de oito escolas contribuíram com este tabloide, participando pela primeira vez do projeto. Os integrantes das edições anteriores são convidados a retornar e escrever para o blog do Crítica Curta (<http://kinoforum.org.br/criticacurta>). Este ano, oito “veteranos” compõem a equipe do blog.

Na última página, o leitor encontra os filmes da Mostra Brasil mais votados pelo público durante o Festival.

*confira a
programação
no site*

**KINO
FORUM
.ORG**





CARTA AO LEITOR

CRÍTICA CURTA CHEGA À OITAVA EDIÇÃO

Sérgio Rizzo

O jornal que você tem agora em mãos, e que circula antes do encerramento do 23º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo, é resultado da oficina Crítica Curta, realizada ininterruptamente desde a sua criação, na 16ª edição do evento, em 2005.

Assistir a centenas de filmes latino-americanos — com destaque para a produção brasileira — espalhados por diversos programas, acompanhar os debates realizados e, por fim, escrever textos reflexivos: foi esse o compromisso assumido (e cumprido) pelos 20 alunos de universidades, faculdades e escolas livres de audiovisual do estado de São Paulo que participaram do projeto em 2012.

Como revela a leitura dos 51 textos publicados nesta edição, esses jovens têm em comum apenas a faixa etária e o interesse

em se dedicar à mesma área de atuação profissional. Suas ideias em relação ao cinema — e, em recorte mais amplo, ao audiovisual contemporâneo — são muito distintas. Tamaña diversidade possibilita compreender um pouco melhor as principais tendências de pensamento hoje em circulação nas escolas paulistas de audiovisual e, possivelmente, alguns dos valores políticos e estéticos mais próximos à geração que começa a chegar ao cenário da produção.

Desde a edição de 2011, o projeto Crítica Curta retomou seu perfil original, que prevaleceu nas primeiras quatro edições: atuar em parceria com os cursos de graduação em audiovisual e comunicação do estado de São Paulo, que indicam alunos para participar da oficina. O princípio é o de promover a reflexão em torno da produção

latino-americana no formato de curta-metragem, estreitando laços com instituições de ensino públicas e privadas das quais saem realizadores, pesquisadores e educadores.

Desde a segunda edição da oficina, os “veteranos” do jornal são convidados a participar novamente do Crítica Curta, desta vez escrevendo textos para um blog, hospedado no web site do festival. Mais de 200 jovens participaram das oito edições.

foto: Ida Feldman



A equipe de 2012 presente à reunião introdutória na Cinemateca

O processo de seleção para a próxima oficina terá início no primeiro semestre de 2013, com visitas a universidades, faculdades e escolas livres de audiovisual.

EQUIPES 2012

Tabloide

Amanda Zamora Bernardo	Guilherme Agostini Cruz	Loiane Vilefort
Belisa Marques de Lima	Ivan Ribeiro	Nicolle Reuter
Bruna Mass	João Pedone	Pedro Riera
Bruno Marra	Júlia de Andrade Longo	Peri Semmelmann
Clarice França	Julia Tereno	Renato Duque
Domenica Di Gangi	Juliana Teles	Tereza Temer
Eleonora Del Bianchi	Leonard de Almeida	

Blog

Camila Fink
Carlos Alberto Farias
Gabriel Ribeiro
Isabela Maia
Luiza Folegatti
Rafael Marcelino
Renato Batata
Rodrigo Ferro

ESCOLAS PARTICIPANTES

- Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP)
- Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP)
- Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
- Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
- Escola Livre de Cinema de Santo André
- Centro Universitário SENAC
- Faculdade Cásper Líbero

EXPEDIENTE

Este jornal foi produzido por alunos das escolas parceiras participantes da oficina Crítica Curta, realizada pelo 23º Festival de Curtas-metragens de São Paulo em agosto de 2012.

Coordenação da Oficina e Edição
Sérgio Rizzo

Produção do tabloide
Coordenação editorial e revisão
Lizandra Magon de Almeida
Edição de arte
André de Almeida Fernandes

Diretora do Festival Internacional de Curtas metragens de São Paulo
Zita Carvalhosa

Diretora adjunta
Beth Sá Freire

Coordenação de produção
Leonardo Mecchi

Coordenação dos Programas Brasileiros e Produção da Oficina Crítica Curta
William Hinestrosa

Coordenação da Mostra Latino-americana
Marcio Miranda Perez

Coordenação e produção das Oficinas Kinoforum
Jorge Guedes e William Ribeiro

Coordenação e produção da Mostra Online KinoOikos
Vanessa Reis e Fernanda Dall'Acqua

realização



info@kinoforum.org
Tel. (11) 3034-5538



“Acho que Chovia”, por Bruno Marra

ALGO A SER ENCONTRADO?

Se vários momentos de um casal se condensam em uma derradeira manhã, esse fim também se dissolve em todas as manhãs por eles vividas. Ele já se anunciava e amadurecia a cada gole de café tomado; por isso, talvez seja tão confusa sua decomposição em lembranças específicas.

O filtro pelo qual “Acho que Chovia” se faz filme é o das memórias da mulher protagonista. De início, o curta é dado como uma tentativa de traçar os contornos de um rosto agora impossível, o de seu companheiro falecido. Aqui não se tem certeza de nada; a morte leva consigo tudo o que pensamos ter seguro demais. Pode ter chovido, ou talvez não. O que não está à mão não pode mais ser alcançado. A busca por um aprimoramento do que já se foi mostra-se vã.

Quanto ao modo de nos apresentar essa busca, encontramos uma opção por um relato direto da mulher.

Ela começa se dirigindo à câmera em um tom confessional, e esse olhar é uma opção arriscada. Ele força uma tomada de decisão por parte do espectador; é uma escolha entre dar ouvidos ao que ela fala e adentrar a busca ao seu lado, ou simplesmente se negar a acompanhá-la devido a uma intimidade posta cujo vínculo afetivo que a justificaria é ainda inexistente.

Logo o filme se coloca em uma posição dependente da aceitação ou não, pelos seus espectadores, das dores dessa personagem. A aceitação é fator de grande importância na maioria das obras audiovisuais, mas aqui ela pede papel de maior destaque. As limitações de duração do curta-metragem jogam contra sua proposta. Torna-se compreensível a opção pela objetividade das falas iniciais, mas o preço a se pagar por tal recurso é justamente o da definição bem executada, das razões pelas quais esse rosto parece tão fugidio.

“A Vida Noturna das Igrejas de Olinda”, por Guilherme Agostini Cruz

NO LIMBO DA NOITE



A Vida Noturna das Igrejas de Olinda,
de Mariana Lacerda
Mostra Brasil 2 - Brasil (PE), 19', 2012

Em um momento de plena expressão das imagens, de sua abundância e deformidade, a diretora Mariana Lacerda traz de volta a velha discussão sobre o papel do cinema e das imagens quando aborda, com um olhar difuso, as igrejas de Olinda. De início, temos a sensação de que iremos assistir a mais um daqueles documentários históricos sobre um importante patrimônio cultural do Brasil (talvez seja, parcialmente, resquício do título).

É a quebra de expectativa — pois o curta se distancia dessa corrente — que confere originalidade a ele.

O filme não mostra, o filme não fala, ao menos não sem exigir esforço por parte do espectador. As igrejas desaparecem em um burburinho de vozes que se sobrepõem, uma em cima da outra, em uma aparente aleatoriedade: o áudio em 5.1. Nesse sentido, entretanto, há uma leve discrepância entre intencionalidade e recursos tecnológicos que, ao invés de contribuir para o objetivo dramático, não tem um total êxito na trajetória do filme.

Ainda assim, valem as perguntas: como não mostrar um lugar? Como não o inserir no sistema geral de transmissão de ideias e preservá-lo da banalização? Nesse curta, a câmera resguarda o segredo e o caráter místico dos ambientes. Ao invés de esclarecer, oculta. Os espelhos, que usualmente nos dão o retorno da imagem na sua integralidade, as distorcem, sugerindo um novo pacto entre o ambiente e o espectador, pacto concluído pela obscuridade das locações.

Nessa lógica, existe a hipótese de a câmera se configurar como voyeurista: a diretora enaltece essa possibilidade, não dando de prato cheio a textura, a história e a luz das imagens, somando assim o fetiche pelo desconhecido. Nega-se a transparência e privilegia-se a aparência, em um movimento de musselinas finas que encobrem os móveis. Quase, porém. É quase um bom filme: com ideias boas e um tema interessante, o curta não consegue aplicar de maneira proveitosa alguns recursos da linguagem cinematográfica. É, acima de tudo, um curta-projeto, que nos faz refletir e pensar em soluções e em abordagens alternativas do tema. Ele ainda está no limbo da noite, submerso em um fluido espesso e riquíssimo, pairando.



Acho que Chovia, de Gustavo Rosa de Moura
Panorama Paulista 4 - Brasil (SP), 19', 2011

Esse homem que começa ocultando sua face acaba não justificando, ao fim, tal necessidade de busca, já que suas falas e atitudes apontam para algo razoavelmente bem definido e sem maiores nuances que justifiquem uma dúvida quanto a quem ele realmente era. O “acho” aqui é o da dúvida.

Afinal, existe algo a se encontrar?

“A Galinha que Burlou o Sistema”, por Júlia de Andrade Longo

EXISTÊNCIA PROGRAMADA

A ausência de pai e mãe, a falta de algo que nunca teve e a necessidade de sonhar: são essas as vontades da protagonista deste curta. Ao se dar conta de que faz parte de um mundo que não a vê como diferente, mas como mais uma em um sistema prestes a devorá-la, a protagonista decide burlá-lo. Essa temática carrega

questões atuais, que poderiam gerar um bom filme, não fosse a protagonista uma galinha. O filme tem claramente a intenção de traçar um paralelo entre as pessoas que vivem aprisionadas nesse sistema, e que por sua vez comem galinhas, ao mesmo tempo em que resalta a crueldade com animais que não podem fazer o mesmo que a protagonista.

Assim, o curta acaba sendo um pouco confuso. Em alguns momentos, pode-se pensar no animal como uma grande metáfora das pessoas e da forma como se vive, em um sistema que olha para todos de cima para baixo, transformando os indivíduos em iguais. Sem que se esqueça, no entanto, que, apesar dos paralelos e da angústia da personagem, esse é um filme sobre galinhas.

Planos abertos de pintinhos apertados andando sem saber para onde vão são intercalados com planos médios da galinha-protagonista narrando sua vontade de escapar da fatídica realidade. Com a utilização de muitos recursos técnicos, desde animação até efeitos visuais de pós-produção, o curta trabalha não só com as possibilidades técnicas atuais, mas também se utiliza de uma decupagem canônica. Com direito a perspectiva da galinha, cortes rápidos, primeiríssimos planos e até um slow ao final, o curta mostra muita qualidade técnica, mas deixa algumas questões sem explicação. Assim, apesar do esforço do diretor, não fica claro se somos a galinha. O que fica explícita é a campanha um pouco apelativa pelo fim do consumo de sua protagonista.



A Galinha que Burlou o Sistema, de Quico Meirelles
Panorama Paulista 4 – Brasil (SP), 15', 2012



“Isso Não É o Fim”, por Eleonora Del Bianchi

CADEIRA VAZIA



Isso Não É o Fim, de João Gabriel Leite
Panorama Paulista 5 - Brasil (SP), 16', 2011

É impressionante o volume de informações e de caracterizações da sociedade colocado em um curta de 15 minutos. O personagem principal é um homem solitário que possui um banheiro público, que aluga por R\$ 1, na rua Augusta. Sua solidão é caracterizada de diversas maneiras, mas principalmente pela presença de um gato que ele adota e que vira seu maior laço afetivo.

Em nenhum momento vemos o vaso sanitário ser usado para alguém fazer suas necessidades básicas. O que o homem vendia era um momento a sós, longe do caos da rua e da visão dos outros, no qual as pessoas pudessem fazer o que bem entendessem. Mas, apesar de estar tão próximo de momentos tão íntimos de tanta gente, não tinha real ligação com ninguém.

Uma cadeira vazia aparece duas vezes, uma delas na cena final. Em um primeiro momento, não parece fazer sentido. Mas poderia representar uma suposta conexão que o personagem tinha com as vidas que cruzavam tão passageiramente a dele, mas que eram seu maior contato com o mundo.

Na cena em que dois gays usam o banheiro e outros homens entram para bater neles, o protagonista tenta conter a briga, mas apanha também, como se ele não tivesse nenhum controle sobre o que acontecia ali. Há um contraponto: a mulher com o filho, que aparece logo no começo, dentro do banheiro, e depois na rua, quando quase coloca o filho no lixo.

Ela é vista pelo personagem principal, o que a impede de fazer isso. No fim, sentada novamente no banheiro, a mulher sente a presença do protagonista. Sua presença invisível na cadeira vazia, finalmente, faz algum sentido: ele havia feito uma conexão com ela, que reconhecia a presença de um ser humano ali fora.

Jaçanã e o Adoniran, de Rogério Nunes
Panorama Paulista 5 – Brasil (SP), 20', 2012

“Cidade Improvisada”, por Renato Duque

ARTE NAS RUAS

Esse curta deixa uma sensação de pertinência, no sentido de que sua divulgação e exibição parecem necessárias. Foi pertinente que eu, meus amigos e todos na sala de exibição tenhamos visto o filme durante o festival. Porque, outrora, muito dificilmente teríamos perpassado por tantas questões, em tão pouco tempo, e de forma tão dinâmica.

Basicamente, a estrutura do filme dá a cada pessoa um espaço para mostrar um trecho de suas opiniões e seu improviso “freestyle”. Na verdade, ele tem uma linguagem bem simples, e talvez pequenas escolhas técnicas de montagem sejam questionáveis. Se não prima pelas suas escolhas geniais, a forma nos permite contemplar suficientemente bem o conteúdo que buscava abordar.

O grande trunfo de “Cidade Improvisada” está na nossa descoberta da arte na improvisação feita nas ruas. Apesar de ser algo relativamente reconhecido pelo senso comum, o filme nos dá a chance de realmente ir a fundo, de perceber nessa atitude posicionamentos políticos, humanos e artísticos. A personalidade de cada um dos entrevistados aflora pelas suas



Cidade Improvisada, de Alice Riff
Panorama Paulista 5 - Brasil (SP), 19', 2012

rimas, e a variedade é tanta que é difícil não se identificar com alguns deles e ter uma relação mais profunda e dialética com suas palavras.

Afinal, os temas são polêmicos: política, fome, miséria, desemprego, arte e comércio, machismo e, falando nele, é gratificante também ver que as mulheres são contempladas ao lado dos homens. A imagem introdutória do curta é a de um homem andando sob uma ponte, de uma altura

perigosa. Ele caminha longas distâncias ao longo do filme.

Diante do impacto discursivo vindo dos improvisadores, fica clara a relação dessa imagem: um gesto audacioso, em plena metrópole, mostra o equilíbrio que sustenta essas pessoas e não permite que elas “caiam”. Coisas que precisam ser ditas por questões de sobrevivência. Tipos de discurso que o cinema pode e deve mostrar.

“Jaçanã e o Adoniran”, por Bruna Mass

CLIMA DE NOSTALGIA PAULISTANA

É difícil fazer filmes em São Paulo sem cair no estereótipo do registro da cidade cinzenta e hostil. A metrópole sempre transborda seu valor geográfico e acaba por virar um personagem e uma estética, com as luzes dos prédios e dos faróis desfocadas ao fundo, as paredes de graffiti e o som “estourado” de um ônibus que passa. É raro quem queira e consiga tratar São Paulo fora do conceito “cidade opressiva”.

Fugindo desse registro, “Jaçanã e o Adoniran” consegue falar de um ambiente conhecido de São Paulo tratando-o de forma



muito leve e descontraída. O documentário conta a história da relação entre o compositor Adoniran Barbosa e o distrito de Jaçanã. Segundo alguns entrevistados, uma grande relação de amor que o inspirou a fazer a música “Trem das Onze”; segundo outros, o nome do distrito só é usado pela feliz coincidência de Jaçanã rimar com “amanhã de manhã” em um dos versos.

Totalmente baseado em entrevistas, o documentário poderia se tornar algo maçante se não fosse o esforço dos realizadores em contar a história com bom humor, utilizando para isso grafismos e animações que se misturam a fotos e imagens de arquivo. A simpatia é o ponto alto da obra, que leva as entrevistas como conversa e não como discurso, ditando um ritmo leve que aproxima o espectador dos personagens.

O filme perde, no entanto, a hora de acabar. Na tentativa de dar voz a todos os personagens, os realizadores erram a mão na quantidade de falas com ideias repetidas e o excesso de animação e ruídos a confundir e cansar o espectador que espera um pouco impaciente pelo fim do filme para, enfim, escutar o sambinha de que todos falam. “Trem das Onze” é tocado de forma informal em um barzinho da região, terminando em um clipe descontraído, sob um clima de nostalgia.



“1 Par”, por Leonard de Almeida

AS VONTADES FAZEM A DIFERENÇA

É possível ser feliz sem viver a dois? Eis o mote dessa comédia romântica que brinca de documentário para retratar a vida de um jovem casal contemporâneo e as clássicas complexidades de qualquer namoro em qualquer época.

Utilizando referências pop que vão de Eric Clapton a Chaves, recursos visuais inventivos e atuações convincentes, o roteiro é engatado por boas piadas e diálogos bem encaixados, com cenas que podem emular lembranças afetivas no espectador, pelas típicas situações que ocorrem com qualquer casal. O flerte, os gostos, comportamentos e, principalmente, as personalidades.

Raquel e Tomás são os extremos opostos que se atraem, polos divergentes que geram o magnetismo irresistível para a construção desse improvável amor. Eles dão seus depoimentos a um suposto entrevistador, contando suas opiniões a respeito das atitudes e particularidades do parceiro, e as dificuldades do convívio diário.

Ela é a parte mais madura, responsável e séria do par, en-

quanto ele é mais relaxado, piadista e desencanado. Estereótipos que beiram o caricato, mas que funcionam bem em cena, pois existe química sem forção de barra.

O estilo videoclipe e as direções de arte e fotografia dão ao curta uma “estética MTV”, o que não é demérito algum, pois ele cumpre com criatividade seu objetivo de divertir sem ser meloso e clichê, o que não é fácil de se conseguir com esse tema tão inesgotável, mas já tão desgastado no cinema.

Faz pensar se precisamos estar sempre em busca de alguém ou à espera de que esse alguém nos encontre. Se são as compatibilidades ou as diferenças que tornam alguém atraente e o amor possível. No final das contas, além das afinidades, as vontades fazem a diferença. A vontade de entender o parceiro, como exercício de paciência, compreensão e respeito mútuo. A boa vontade de querer ficar junto, apesar de tudo. A vontade de se ver no outro, vivendo em par.



1 Par, de Raoni Marqs

Cinema em Curso 1, Brasil (SP), 10', 2011

“Arrotos e Soluções”, por Ivan Ribeiro

PULSÃO DO PRIMITIVO E DO INSTINTIVO



Arrotos e Soluções, de Renato Cabral

Mostra Brasil 10, Brasil (MG), 12', 2011

Sujeira. Apetitosa sujeira. Assim é “Arrotos e Soluções”, do mineiro Renato Cabral. Gostaria de ter um tabloide inteiro para refletir sobre as sensações que esse curta provoca. Onze minutos que deixam com fome de mais e com fome demais. E “a fome cria monstros”.

Logo nos primeiros segundos de filme, vemos um cu — e aqui uso mesmo a palavra “cu”, que é “palavrinha e palavrão” ao mesmo tempo — de uma galinha morta e depenada, com fezes penduradas (sujeira!), em “close-up”. A sensação é hipnotizante e, ao mesmo tempo, causa nojo. Assim como a mãe apática e quase autista, o pai ausente e de modos grosseiros, o filho submisso e inseguro, e a filha que tem fome, personagens da família que protagoniza a história.

Família que imprime na tela uma explosão do grotesco. Explosão do baixo ventre animal presente em nossas carcaças, a que damos o nome de corpo humano. Fome, gula, sangue, in-

cesto, desejo sexual incontrolável. O proibido. Dedos besuntados de gordura e de outros fluidos e secreções. Arrotos e soluços. O prazer de ver os paralelos: toalha de banho caindo—toalha de mesa subindo, mão que esfrega o pau—mão que esfrega os legumes—mão coçando o saco. E sangue. E migalhas caindo e gordura e óleo escorrendo, acompanhados pela trilha que dá um ar de sinfonia a tudo.

O clima esquenta com água fervente, ferro de passar, pimenta, calor, suor, enquanto a irmã grávida e faminta domina o irmão em um inesperado “fio-terra” (sujeira!). Enquanto a mãe arregaça a carcaça de frango na cozinha. Todos saciados, lambuzados, e o filme explode em um imenso arroto. E restam os soluços. Todos parecem satisfeitos.

Mas todos querem mais. Todos parecemos satisfeitos, no seio de nossas famílias, no conforto de nossos lares e aparências cotidianas. Enquanto isso, lá dentro e lá embaixo, não estaríamos o tempo todo pulsando o mais primitivo, o mais instintivo e querendo sempre mais? “Arrotos e Soluções” põe na tela o que ninguém acha bonito de ver. Mas que fascina muitos. De homens a galinhas.

“Através”, por Julia Tereno

UM SEGUNDO OLHAR

A ideia de que estudante não tem maturidade para fazer uma produção audiovisual decente foi quebrada por Amina Jorge, aluna da FAAP, em “Através”. Conforme o curta vai se desenrolando, o espectador pensa que é um bom filme; bem filmado, atrizes boas, estética legal. Mas é quando termina que ele ganha um novo ponto de vista, surpreende quem está assistindo, e se torna um ótimo curta.

Em um primeiro olhar, ele dá a entender que o assunto central é uma coisa; é de se pensar que a relação entre duas mulheres é o centro das atenções. Pode-se até achar em algum momento que a cena de sexo chamará mais atenção na obra. Mesmo assim, a narrativa se desenrola de forma fluida e leve, e aos poucos são descobertas coisas das vidas daquelas mulheres, e como elas dividem essas vidas.

Assim que o plano começa a se abrir, o espectador percebe realmente do que



Através, de Amina Jorge

Panorama Paulista 1, Brasil (SP), 9', 2012

trata o filme; percebe o porquê daquela relação, daquele lugar, daquelas personagens. Até então era um bom curta, com sentido ainda um pouco nebuloso, mas depois ele cresce, e ganha outra perspectiva.

É um daqueles filmes a que se deve assistir mais de uma vez. Não por que a primeira seja insuficiente para captar a intenção, mas porque, com um segundo olhar, pode-se perceber todos os detalhes, as dicas que a narrativa dá ao espectador com relação ao final. São filmes assim que fazem o público querer apreender absolutamente tudo que lhe é oferecido, e sentir que somos mais espertos por termos notado aquela dica que passou batida na primeira vez.



“Amores Passageiros”, por João Pedone

BELO É O QUE NOS PROMETE FELICIDADE

Em uma inspeção a um bueiro, o protagonista encontra o cadáver de uma menina escondido nos esgotos. É o resquício de um crime. No entanto, o velho se apropria dela como um objeto, e vemos uma sequência em feixe que mostra uma rotina de casal.

O cheiro da morta publiciza aquilo que vinha sendo tratado como particular, e a imagem da menina na TV nos dá a compreensão não apenas de que o romance é moralmente proibido, mas de que ela não lhe pertence. A compreensão culmina em um ritual mortuário no qual o protagonista envolve seu amor em uma mortalha e veste suas roupas de guerra, que serão fundamentais no confronto com a polícia.

Sua vitória sobre a força da civilização permite a concretização do ritual em que, levado pelo barqueiro estrangeiro, o bueirista deve, diferente do gesto de escondê-la, entregar sua amada à natureza. Mas ele profana o ritual e lança-se ao mar para morrer com ela.

O filme apresenta não uma personagem incapaz de despedir-se de alguém que se foi, mas alguém que não enxerga alternativa ao relacionamento com essa morta estetizada (desrespeitando a lei de putrefação). Belo é aquilo que nos promete felicidade, e a felicidade desse homem (que não foi enterrada com sua amada, como em “Romeu e Julieta”) depende do relacionamento unilateral com o cadáver.



Amores Passageiros, de Augusto Canani
Mostra Brasil 9, Brasil (RS), 23', 2012

O protagonista permanece em silêncio absoluto ao longo do filme, o que o identifica com a morta. Esse relacionamento absurdo é esvaziado de seu teor cômico ou trágico ao ser autorizado pelo tom fantástico da obra. Não é uma necrofilia, mas uma relação de tom simbólico.

No final, o filme parece mais uma obra cujo sentido aponta para conclusões abstratas e metafísicas sobre o apego a algo que já morreu ou nunca existiu e/ou sobre um desejo proibido que se esconde. O realismo absurdo e a quase ausência de informações literárias objetivas contribuem para o caráter arquetípico dos elementos da história.

“Seu Arlindo Vai à Loucura”, por Domenica Di Gangi

ATÉ QUE O DIVÓRCIO NOS SEPRE?

Já se foi o tempo em que os pais escolhiam o noivo da filha. Já se foi o tempo em que casamento demandava véu e grinalda. E, diante de tantas revoluções, o tão esperado “sim” parece ser a resposta de um contrato com data de vencimento. Os valores, as atitudes e os papéis sexuais se transformaram ao longo dos anos, interferindo bruscamente na formação ideológica do amor e da união conjugal.

Será que existe uma fórmula secreta para uma feliz vida a dois? Dizem que para ultrapassar as bodas de ouro, ou pelo menos chegar lá, deve-se reinventar a rotina para não desmoronar na mesmice. “Seu Arlindo Vai à Loucura” nos convida a refletir sobre a troca de aprendizado e de experiências que mesclam a amizade ao amor.

Dona Benedita, mulher de alma jovem, e Seu Arlindo, um senhor debilitado, se preparam para a comemoração de suas bodas de ouro. Na festa, quando as filhas do casal chegam, a face da união moderna é apresentada; a mais velha enfrenta dificuldades com o marido e a mais nova está a se aventurar com mais um namorado.

Durante a cerimônia, um sentimento carregado de

ciúmes toma conta de Arlindo quando ele vê sua esposa dançando com Silvio, um amigo “mala” da família. Naquele momento, a confusão de ideias é mostrada a partir do jogo de tons mais sombrios que refletem a incerteza do que está diante de nossos olhos.

O suspense final fica por conta da faca de cozinha manejada por Seu Arlindo; já o desfecho, a cargo do bom humor da Dona Benedita. Duas almas tão diferentes e, ao mesmo tempo, complementares. Seja no passado ou no futuro, o casamento, para valer a pena, deve ser pautado em sinceridade, alegria, bom humor e, antes de tudo, amizade compartilhada a dois.



Seu Arlindo Vai à Loucura, de Raoni Reis Novo
Cinema em Curso 1, Brasil (SP), 18', 2011

“Desterro”, por Clarice França

TESTEMUNHA DE UMA TRAGÉDIA



Desterro, de Marília Hughes e Claudio Marques
Mostra Brasil 4, Brasil (BA), 14', 2012

Documentário tocante, “Desterro” mostra um pouco das memórias de Dona Pequenita, na época em que o Estado mandou construir a Barragem de Sobradinho. Isso fez com que quatro cidades inteiras fossem destruídas e milhares de pessoas tivessem que sair da região. Dona Pequenita foi a única que restou.

Alternando as cenas do lugar atualmente com outras que mostram a época da destruição, o curta faz com que voltemos no tempo e sintamos um pouco do que aconteceu na época, e o que aquelas pessoas tiveram que passar. A narração comovente de Dona Pequenita e as imagens em flashback, com menor qualidade, influenciam ainda mais a viagem do público.

O fato de haver uma personagem faz com que o curta seja ainda mais comovente. O espectador se depara frequentemente com situações de tragédia, mas, quando ela é contada do ponto de vista de alguém que a viveu, a tendência é a de se envolver muito mais.

Todos os aspectos do curta foram construídos com sincronia e possuem um mesmo propósito: mostrar o que aconteceu depois da construção da barragem. Apesar de só vermos um dos locais, muitos outros sofreram com o acontecimento; Dona Pequenita não foi a única moradora que precisou reconstruir a vida depois de tudo. O documentário é uma forma muito bonita de não deixar com que o público se esqueça desse fato.



“Avalons”, por Pedro Riera

FLERTE ANIMADO COM O INÍCIO DO CINEMA

Antes do início da sessão, o diretor Carlos Eduardo Nogueira diz ao público que “Avalons” é o segundo filme em que ele mistura animação com atores reais. Após a exibição, o que me pareceu é que Carlos Eduardo já é um veterano nesse tipo de linguagem.

As consequências do duelo pela mão de uma princesa por dois cavaleiros, no universo do filme, são dignas da batalha provocada por Helena em Tróia. Como em qualquer mitologia, o roteiro também evoca o mundo espiritual — no caso, uma vingança além-morte do guerreiro derrotado na batalha inicial do curta.

Durante os 15 minutos do filme, em nenhum momento há diálogo, voice overs, cartelas, legenda, nenhuma ferramenta dramática nesse sentido. Apenas uma trilha medieval, que mistura instrumentos de corda com gaita-de-foles, dá o tom e acompanha os personagens durante a construção da história.



Avalons, de Carlos Eduardo Nogueira
Panorama Paulista 1, Brasil (SP), 15', 2011

Essa escolha é muito interessante, e flerta com o início do cinema e com a montagem “dialética”, o que pode auxiliar jovens roteiristas a pensar de uma maneira mais imagética e menos literal, como manda o cinema. E, como se trata de animação, os efeitos especiais e toda a pós-produção não podem passar despercebidos: “Avalons” é rico em detalhes e mostra para o público que a produção nacional de filmes de animação não deve nada para curtas de animação internacionais.

“Avalons” é inteligente, engraçado e de uma qualidade técnica incrível. E constitui também um bom exemplo de que a produção em animação possui um enorme potencial e pode ser um berço para jovens cineastas que querem contar suas histórias utilizando mais do que reles mortais.

“5 Horas Rumo Norte”, por Peri Semmelmann

POESIA EM “ROAD MOVIE”

Téo embarca em um fusquinha com sua mãe, avó e irmã para uma viagem de cinco horas rumo ao norte com o objetivo de se despedir de seu pai. Dito assim, parece pouco, ou nada além de outro “road movie”, mas nesse curta vemos que as relações humanas transformam cada obra em algo único.

Sem muitas informações sobre como chegar, a mãe de Téo tenta achar o lugar indicado por seu marido, enquanto procura acalmar os ânimos naquele espaço confinado. As cobranças de sua sogra, as duas crianças pequenas e as histórias de um passado que não voltará vão se intercalando durante todo o percurso.

Como em todo “road movie”, o filme é carregado de panorâmicas e imagens de um simpático fusquinha percorrendo trechos da estrada. Porém, isso não é demérito algum. Com uma bela fotografia, uma boa utilização da luz e de planos bem pensados, o curta não é de forma alguma cansativo, e intercala bem as imagens de paisagens e de cenas no interior do veículo.

E é dentro do carro que acontecem as principais

cenas. Os atores mirins estão muito bem. A empatia com o ator que interpreta Téo é imediata. É a partir dele que as situações se desenrolam, e tanto nos momentos de drama quanto nos momentos mais leves o pequeno segura a responsabilidade. Já a mãe e a avó das crianças poderiam ter uma atuação mais valorizada, com diálogos mais elaborados, ou simplesmente deixar que o silêncio falasse mais alto.

Durante o todo o curta, as personagens passam a impressão de não saber muito bem para onde estão indo. É na resolução final que entendemos o porquê, e o curta se abre em mais possibilidades e poesia. Mérito para a jovem diretora Paula Sabbaga e sua equipe, que souberam guardar o melhor para o final.

O encerramento é muito sensível e nos deixa bem próximos daquelas pessoas que conhecemos há tão pouco tempo, mas com as quais já nos importamos. No fundo, é por saber que vez ou outra precisaremos cumprir o mesmo trajeto.



“Porn Karaoke”, por Juliana Teles

NO SÉCULO 21, AINDA UM TABU



Porn Karaoke, de Daniel Augusto
Panorama Paulista 1, Brasil (SP), 14', 2011

Daniel Augusto realizou uma façanha que poucos diretores, poetas, artistas do sexo masculino conseguem: penetrar a fundo o universo feminino por meio da linguagem cinematográfica (com perdão pelo trocadilho).

A julgar apenas pelo título, o espectador pode supor que “Porn Karaoke” seja um curta impróprio; os mais atentos, que leem a sinopse, notam que não se trata disso. “Uma adolescente vê tatuagens surgirem no seu corpo depois de experiências eróticas. Adulta, as tatuagens somem e ela vai até um lugar misterioso — o Porn Karaoke — em busca do motivo do desaparecimento.”

O assunto abordado no trabalho de Daniel é popular, entretanto a sexualidade feminina ainda é tida como um tabu mesmo no século 21. As descobertas desse universo podem trazer dores e um remorso que nos são dados por meio de uma sociedade repleta de virtudes dissimuladas.

Cenas que alternam entre uma bela e jovem mulher, as descobertas sexuais dela enquanto adolescente e o acervo de antigas imagens de sexo explícito compõem o curta. Como se o invento da câmera tivesse um voyeurismo erótico tácito, assim como a concepção do sexo e o surgimento das tatuagens.

O desaparecimento das marcas no corpo é como se, ao se assumir mulher, a sensação desagradável e o sofrimento moral fossem deixados de lado. Porém não o bastante para abandonar questionamentos de outrora. O porn-karaoke traz um relacionamento sexual cômico, atrevido e despreocupado que não havia sido explorado pela protagonista — talvez o modelo de concepção idealizado por muitas mulheres.

5 Horas Rumo Norte, de Paula Sabbaga
Cinema em Curso 2, Brasil (SP), 15', 2012



“Going Kinski”, por Amanda Zamora Bernardo

NO LIMITE DA SOLIDÃO E DO DESESPERO

Até onde nos leva o fascínio por uma história? “Going Kinski”, do peruano Smokey Nelson, analisa e interpreta essa pergunta. A metalinguagem está presente no curta, que retrata a história do filho do alemão Klaus Kinski, ator de “Fitzcarraldo” [1982], de Werner Herzog. Ele tenta oferecer um tour turístico passando pelos lugares da cidade de Iquitos onde foi rodado o longa.

O personagem principal é abordado como uma pessoa com imensos desejos e sonhos, porém, a sua solidão e a incompreensão do viver fazem com que ele crie um mundo que não existe; ele acredita que todo mundo conhece “Fitzcarraldo”, mas descobre que quase ninguém o viu.

Quando descobre que ninguém se importa em fazer um tour turístico, chega ao limite da solidão, do desespero e da loucura; entra em uma loja para roubar

manequins de roupas e fingir que são pessoas querendo fazer um tour com ele. A coragem de acreditar em uma loucura e aceitar a solidão trouxe o personagem para a realidade, a solidão que o aprisionou é a mesma que o libertou.

O fato de não nos contentarmos conosco mesmos e com o que fazemos nos leva a querer ser outra pessoa e, quando simplesmente aceitamos, como um avião que pousa rápida e objetivamente na pista, descobrimos e reconhecemos quem somos. Quando se vive no mundo da fantasia, se vive no mundo da não aceitação.

O curta retrata a história de uma pessoa apaixonada por uma história, que vive imersa no profundo mar da solidão e usa a imaginação para fugir da realidade. Ele consegue fazer do pesadelo a utopia de um sonho. Tão complexo e fascinante quanto o ser humano.



Going Kinski, de Smokey Nelson
Mostra Latino-americana 1, Peru, 23', 2012

“Passagem”, por Loiane Vilefort

CAMINHADA CONTEMPLATIVA

Logo no início do filme, há uma brusca ruptura de uma viagem descontraída com os amigos, construída em um ritmo acelerado, para uma solitária. O motivo, porém, não se mostra claro. Repentinamente, o protagonista Pedro caminha sozinho: eis a sua caminhada de passagem.

A partir de então, o curta adquire seu verdadeiro ritmo: o contemplativo. Na trama em si, nada realmente relevante acontece; é só uma extensa contemplação do momento. Aos poucos, os espectadores vão sendo inseridos no contexto familiar, adquirindo um fraco conhecimento das relações por meio dos diálogos, mas nada que contribua efetivamente para a trama.

O motivo da brusca ruptura se torna compreensível: a avó doente desejava ver os familiares antes de falecer. Porém, a visita de Pedro não se dá imediatamente ao chegar à casa da família; ele passa por um período de hesitação em vê-la. Com algumas desculpas, quase inconscientes, ele se esquia da obrigação de entrar no quarto da avó doente.

Podemos perceber, portanto, que a passagem a que o curta se propõe parece estar além da evidenciada na avó, da vida para a morte. E muito mais focada na passagem de Pedro, da hesitação para uma possível aceitação.

O momento principal de sua passagem fica na última cena da sala de jantar, onde todos estão sentados em volta da mesa, com as portas do quarto da avó ao fundo. É o momento em que ela morre; ficamos sem saber se Pedro a viu antes ou depois de seu último suspiro. A questão permanece, mas evidenciamos de forma muito



Passagem, de Francisco Freitas
Cinema em Curso 3, Brasil [SP], 19', 2011

clara a apreensão de Pedro na iminência de entrar no quarto e, posteriormente, o seu alívio depois de sair dele.

As duas passagens acontecem ao mesmo tempo e, apesar de evidentemente ligadas, acabam sendo independentes entre si, tomando rumos diferentes. Pedro agora faz o seu caminho de volta e sobe o título do filme na tela. Passou.

A Noite Anuncia a Aurora, de Gerard Uzategui
Mostra Latino-americana 2, Venezuela, 23', 2012

“A Noite Anuncia a Aurora”, por Nicolle Reuter

WEĪ JĪ*

Entre os livros de autoajuda, circula a lenda de que, em chinês, usa-se a mesma palavra para se referir a “crise” e a “oportunidade”. Há quem discorde, mas, independentemente de sua veracidade, ela se aplica consideravelmente a “A Noite Anuncia a Aurora”, do venezuelano Gerard Uzategui. O curta retrata a solidão de uma mulher que acaba de enterrar seu marido. O casal recém-desfeito não tinha filhos, de modo que a casa de palafita agora é habitada apenas por ela e seus fantasmas — literalmente, nesse caso.

A estrutura do filme gira em torno da reflexão causada pelo sofrimento e pelo isolamento. Munida de uma repentina clarividência, a mulher é capaz de se observar e repensar a vida que levava até então, fazendo, inclusive, uma projeção do futuro. Esse processo de introspecção, com o qual é bem fácil de se identificar, geralmente deságua em uma questão: eu era realmente feliz até agora? Na maioria das vezes, concluímos que não.

Entramos então em outra etapa do processo: se despir das memórias que te agarram pela cintura. Mas até que ponto é justo ou necessário jogar fora sua história para seguir em frente? Devemos respeito àquilo que vivemos ou temos o direito de afogar nosso passado? A literalidade com que o curta trata do assunto é tanta que fugir dessa interpretação é quase impossível.

Vale chamar atenção para as composições e para o ritmo do filme; sua beleza e sua lenta serenidade nos levam a um mergulho profundo em nós mesmos, a reflexões semelhantes às da personagem — somos colocados no mesmo barco. Desse modo, que é irrelevante se estamos ou não passando por um momento de crise, o filme nos



dá uma oportunidade de nos repensarmos, nos desfazermos do que éramos e, consequentemente, remar em outra direção.

* *Palavra chinesa para crise.*



“A Cidade”, por Belisa Marques de Lima

SOLIDARIEDADE E COMOÇÃO

Com delicadeza e simplicidade, Liliana Sulzbach delinea seu filme “A Cidade” com imagens de uma pequena vila paradisíaca em um leve tom melancólico, entremeando com imagens do cotidiano de um grupo de velhinhos, de modo que nos leva a crer que estamos vendo apenas uma suave história de uma cidade pequena, cuja população de idosos é grande.

Conforme assistimos aos diálogos em que os personagens falam sobre a família os ter esquecido, e vemos imagens em que fazem o trabalho doméstico sozinhos, a ideia de solidão e abandono é intensificada enquanto a união entre eles é reforçada. Porém, mais ou menos na metade do curta, vemos toda a estrutura que nos foi mostrada mudar; as imagens continuam as mesmas, e com uma simples cartela de texto, uma importante informação nos é revelada: aquelas pessoas que estamos



A Cidade, de Liliana Sulzbach
Mostra Brasil 1, Brasil (RS), 25', 2012

Os detalhes do filme são bem trabalhados e, como vemos os personagens e suas situações sendo revelados aos poucos, a sensibilidade em relação às suas histórias cresce constantemente, criando um misto de solidariedade e comoção, consolidado com a fotografia bela e as imagens de arquivo dos primórdios da instituição. Porém, o filme peca nas histórias contadas pelos personagens, já que elas têm grande potencial de ganho para o roteiro, e são mostradas muito superficialmente. Vemos pessoas que despertam a curiosidade do espectador e que engrandeceriam a obra se nos fossem apresentados com mais profundidade.

vendo são pacientes com hanseníase (conhecida popularmente como lepra).

A partir desse ponto, todas as peças passam a ter uma nova junção. A até então melancólica prosa sobre idosos abandonados se torna uma chocante visão dos remanescentes de uma instituição de internação compulsória que funcionou até o fim de 1970 em Itapuã (RS), onde ainda vivem 35 pessoas das mais de 1.500 que foram internadas no local. Algumas cenas do início reaparecem e, com esse novo sentido, vemos a história crescer e engrandecer na nossa frente.

“Nuvens”, por Bruno Marra

O DENTRO E O FORA

Quão indiferente é o mundo em relação ao que sentimos? Quando Ésquilo diz não haver nada mais doloroso do que a lembrança de alegrias passadas durante tristezas presentes, podemos inferir que tão — se não mais — doloroso é o choque entre dois estados de espírito presentes: a dor de um indivíduo se chocando contra a alegria ingênua do espaço que o circunda. O indivíduo em questão é o protagonista de “Nuvens”; seu entorno é a família que celebra o aniversário de sua avó e seu trauma é a investida sexual por parte de seu tio. A festa se dá no térreo e o garoto se encontra isolado no andar superior da casa. A mãe dele, que administra a festa e fala rudemente com a empregada, não foge às frias regras do universo em questão. Enquanto ela vasculha os cômodos da casa à procura do filho, o olhar filmico é inflexível. O foco da câmera está dado, ela entra e sai dessa zona focal diversas vezes ao longo de sua busca: a mulher que se ajuste caso não queira perder totalmente seus contornos.

Bronca recebida, o garoto promete descer assim que usar o banheiro. Lá encontra o tio. No momento da investida contra o jovem, o filme se coloca na mesma posição do pedófilo — colado à nuca da vítima. Isso extrapola a



simples estratégia criadora de uma tensão e faz dividir de certa forma a culpa pelo ataque entre o tio e o espectador. Não bastasse dividirmos a dor do protagonista, passamos forçosamente a partilhar também certo grau de culpa por essa dor: todos ocupamos um paradoxal papel de vítima e agressor quando aquilo que chamamos de “mundo” é a soma das nossas ações e omissões diante do meio.

O garoto foge, mas volta na mesma noite, reflete nas roupas a sujeira interior. Sua mãe parece perceber algo de errado e, se mostrando incerta sobre como proceder, se tranca no banheiro. O filho reflete deitado à cama. Mãe no banheiro/filho no quarto/tio na sala/família pela casa: todos dividindo um mesmo teto e ainda assim irremediavelmente isolados em seus respectivos embates com o meio.

Nuvens,
de Manuel
Abramovich
Mostra Latino-
americana 4,
Argentina, 13',
2012

“Aconteceu no Bixiga”, por Tereza Temer

NEM TÃO PODEROSO CHEFÃO



Aconteceu no Bixiga, de Marcela Chamlian
Cinema em Curso 3, Brasil (SP), 12', 2011

Fato é fato. A Terra é redonda, o fogo queima e “O Poderoso Chefão” é um dos maiores filmes já feitos. Ponto. É normal, e inclusive esperado, que muitos cineastas tenham a trilogia de Francis Coppola como referência e modelo de inspiração. É o caso de “Aconteceu no Bixiga”. Só que, infelizmente, o curta deixa muito a desejar.

O roteiro não deixa de ser interessante — três meninos encontram todo o poder e respeito dos Corleone na figura de um malandro de seu bairro (Bixiga). E, para agradá-lo, roubam a imagem de Nossa Senhora Achiropita da igreja local, entregando-a ao homem. Apesar de uma ótima ideia, a proposta não consegue se sustentar — não vinga como comédia, e se causa duas risadas em sua duração é muito.

O problema provém, essencialmente, da atuação. Com poucas exceções, os meninos não se mostram carismáticos, e cada fala soa forçada. Do mesmo problema sofrem os atores mais velhos — Branco Mello fala um português formal, quebrando a ilusão do malandro popular, e Sérgio Mamberti erra na mão da intensidade de suas falas — tudo parece exagerado, beirando o falso. O único personagem que abraça o estilo caricato do começo ao fim, e que funciona muito bem como tal, é a beata — por ironia, a que só possui uma fala durante todo o filme.

Seus 12 minutos de duração não se mostram suficientes para a empatia do espectador com os personagens — uma maior exposição da personalidade de cada um talvez seria uma boa saída para a falta de conexão com o público. Pela boa originalidade do roteiro, não faltaria capacidade à diretora Marcela Chamlian para inserir mais algumas cenas.

O curta em si não comete maiores erros: a fotografia e a arte cumprem seu papel, sem chamar muita atenção. No entanto, vale ressaltar que, em termos de cinema clássico, o filme se mostra correto, e a história, por si só, convence. A premissa é boa — talvez uma das melhores de todo o festival, mas o desenvolvimento deixa a desejar. Ver “Aconteceu no Bixiga” não é uma proposta tão irrecusável assim.



“Linear”, por Eleonora Del Bianchi

A IRRELEVÂNCIA DO SER NA METRÓPOLE



Linear, de Amir Admoni
Mostra Brasil 9, Brasil (SP), 6', 2012

Com ótimos efeitos visuais e sonoros, “Linear” é uma alegria de 6 minutos projetada na tela. Mal dá para ver o rosto do personagem — que, mesmo assim, consegue ser extremamente carismático, sem falar uma palavra durante todo o curta. Sabemos que é trabalhador, honesto e que está cansado. É um ser relativamente humano, mas com um rosto que parece ter sido enchido como uma bexiga que vai fazendo as linhas do trânsito para que o fluxo de carros funcione bem. Seu caminho é interminável e precisa ser em linha reta, independentemente dos obstáculos à frente.

Mas continuar sempre no mesmo percurso em linha reta é entediante e difícil; o personagem sonha com linhas curvas, um emaranhado de linhas que vão se entrelaçando, girando e indo por todos os lados. Ao mesmo tempo, acaba fazendo mesmo essas linhas, girando no ar o pincel que antes era tão pesado nas suas costas. E os carros, sem saber por onde ir em todas aquelas linhas, acabam todos batendo uns nos outros.

Dá para tirar várias interpretações de cenas tão simples, mas tão bem feitas: o fardo que o personagem carrega como o trabalho repetitivo do dia a dia; como um pequeno detalhe tão comum para nós pode fazer a maior diferença caso não existisse ou fosse alterado de repente; como um trabalho feito por alguém tão insignificante pode ser essencial para que tudo continue em ordem.

E o sentimento de liberdade de se livrar de um peso que há tanto tempo vinha carregando, atitude que pode ter consequências para a ordem ao redor. É uma grande paródia da sociedade. O diretor Amir Admoni, que é de São Paulo, reitera isso ao dizer que a ideia veio do sentimento de irrelevância do ser em uma cidade tão grande e caótica.

“Dona Sônia Pediu uma Arma para Seu Vizinho Alcides”, por Renato Duque

ESPETÁCULO FORMALISTA

O primeiro plano: fixo, uma sala modesta, vazia. A trilha sonora é pesada e o plano tem uma duração longa. O clima é dado, e se anuncia uma experiência que não será feliz. Quando Dona Sônia surge, fica na memória a rigidez das escolhas dos enquadramentos, com a personagem sempre de costas, lacônica.

A linguagem se utiliza de alguns códigos para buscar um clima de tristeza, de pesar. São os quadros, a trilha, as escolhas internas, os tempos. Entra um homem. A construção da mise-en-scène causa estranhamento. Após pouco falar, esse homem dirige-se a nós, público. E conta-nos a história de Dona Sônia, a tragédia em sua vida.

A história de uma mãe que perde seu filho é trágica em si, no seu conteúdo, independente do formato em que seja relatada; porém, o filme não faz nenhum esforço além da construção formal para que nos sensibilizemos com o que ocorreu a Dona Sônia. Em seguida, um longo trecho de vídeo, com o que seriam gravações feitas do filho da personagem, em diferentes partes da vida, em textura que remete a vídeos antigos.

O trecho é longo, e me leva do distanciamento ao incômodo, em um sentido ruim. É uma sensação semelhante à de assistir a programas de televisão que



Dona Sônia Pediu uma Arma para Seu Vizinho Alcides, de Gabriel Martins
Mostra Brasil 9, Brasil (MG), 17', 2011

preenchem as tardes nacionais, com histórias de violência e dor, histórias com as quais eu não tenho nenhum vínculo pessoal, mas que me bombardeiam com imagens apelativas em vários níveis, que fazem da violência um espetáculo.

Desse ponto em diante, a trama está em função de uma forma, e não o contrário. Histórias de mães que perdem os filhos são possivelmente um dos tipos mais tristes. Não senti preocupação no seu desenvolvimento dramático — se é necessário que haja um desenvolvimento desse tipo, aliás, vai de cada um. Mas, para mim, o é; e, em função do tema tratado, ficaram apenas maneirismos formais que fogem de discutir as complicações da personagem. E submetem a história ao “espetáculo” de um formalismo contemporâneo.

“Mari Pepa”, por João Pedone

INADEQUAÇÃO PRÉ-ADOLESCENTE

Ao contrário do que se tem visto na produção universitária, em “Mari Pepa” não é a tentativa de abordar um tema muito amplo e profundo em um filme de 15 minutos que faz a obra ficar simplista, e sim a escolha de uma personagem ainda em estágio embrionário.

Mari Pepa é o nome da banda punk dos quatro garotos pré-adolescentes que protagonizam a narrativa. A música agressiva e as letras sexuais contrastam com sua puerilidade e ressaltam a ambiguidade entre tocar mal e fazer um som pesado, ambiguidade que reflete a condição do adolescente — que, incapaz ainda de com-

preender e participar do mundo em sua integridade, estabelece com ele uma relação individual singular que será percebida como rebeldia.

O filme representa um adolescente em sua problemática tradicional, tentando conquistar seu espaço no grupo e buscando negar a família que não lhe ampara. Ao final, confrontado com sua puerilidade, ele compreende que também tem de amparar sua família.

O protagonista é o único representado em sua subjetividade em meio à multidão de adolescentes babacas. Destacar formalmente o protagonista de seus iguais é a única maneira de autorizá-lo como tal porque a questão inexorável desse drama é a própria idade, a inadequação pré-adolescente. O conflito interior é função do estágio de desenvolvimento pelo qual a personagem passa e não de sua singularidade individual, não sendo, portanto, efetivamente inexorável.

O filme é um belo exercício universitário na realização de um drama narrativo clássico, mas não vai além disso. A escolha de temas e personagens batidos é proveitosa para se avaliar a realização tomando como base de comparação toda a produção anterior; há um reconhecível domínio de linguagem. Esperamos que o realizador, quando superar sua puberdade artística, realize obras que ampliem e não apenas repitam o cânone.



Mari Pepa, de Samuel Kishi Leopo
Mostra Latino-americana 5, México, 18', 2011



“A Mulher no Alto do Morro”, por Júlia de Andrade Longo

O REGISTRO OU O BELO

Um documentário sempre se depara com muitas questões. A que talvez seja mais pertinente: como filmar? Como mostrar a vida das pessoas que estão ali, se dispondo a fazer um filme de suas realidades? Como fazer um filme que condiz com a vida delas?

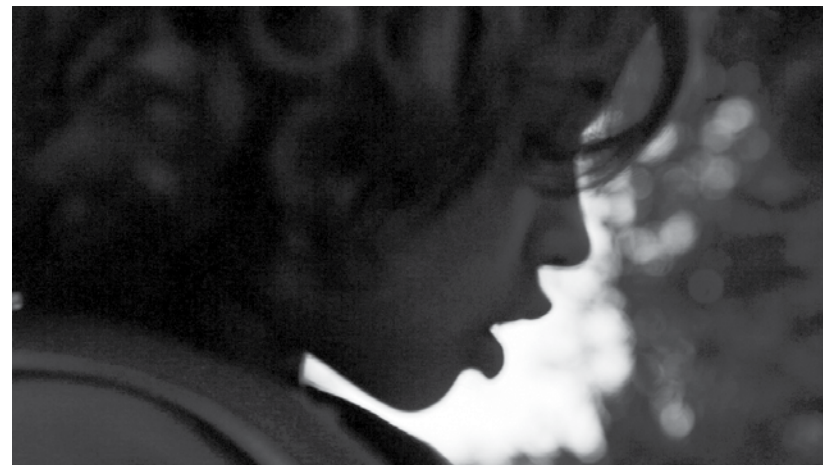
É claro que não há uma fórmula para evitar o erro. Tampouco esse vem a ser o caso de “A Mulher no Alto do Morro” — que, nesse sentido, se mostra de forma muito honesta. O diretor Cássio Pereira dos Santos consegue destacar momentos das crianças brincando e passeando pela mata ao mesmo tempo em que mostra as diferentes vontades e medos dos personagens. Dessa forma, as crianças interagem entre si, deixando a câmera livre para filmá-las em seus momentos de diversão.

Muito embora haja o compromisso do registro das crianças, questiono se não existe hoje um excesso de preocupação com a forma, que faz com que tudo possa valer, desde que a imagem seja bela. Desse modo, a es-

tética ganha um lugar que era do conteúdo e da mensagem, e ao se sobrepor acaba por não acrescentar ao filme, e sim por esvaziá-lo.

Ao se utilizar de lanternas coloridas e crianças arrumadas, Cássio produz imagens belíssimas, mas que não conseguem efetivamente dialogar com o que acaba sendo uma segunda parte do filme: o encontro com a mulher do morro.

Assim, o curta é um filme que registra crianças brincando e caminhando até se encontrarem com uma senhora, avó de um deles. Ela conta sobre o diabo que vive na mata; é possível perceber uma tentativa de interação entre as crianças e a senhora. Mas, apesar do desejo do diretor, isso não se dá profundamente. É difícil dizer se a estética é o problema da falta de conteúdo dos curtas de hoje, mas certamente existe um apelo ao belo, que faz com que um filme perca sua profundidade e a habilidade de se comunicar com o espectador.



A Mulher no Alto do Morro, de Cássio Pereira dos Santos
Mostra Brasil 2, Brasil (MG), 10, 2012

“Dique”, por Guilherme Agostini Cruz

UM FILME QUE NOS TRAGA

Além do mar, pedra; e do outro lado, cidade. Desfeitas as fronteiras: mar, baía, asfalto. Dia. O dia é precisamente aquele, não havia de ser outro. De acordo, gritaram os infelizes afogados. De acordo. É no vir-a-ser do mar, na pedra parada (mais parada por ser imagem), na respiração súbita de cortes demorados e de compasso aquático, onde encontramos uma frincha, uma estreita e íngreme frincha, pela qual respiramos. Demoradamente e com força.

Rios, pontes e overdrives. É com a potência que às vezes só encontramos nas entrelinhas, e em sutis ocosos, que damos licença à cruel e eloquente injeção de sensações. “Dique” nos traga e não o contrário. As imagens nos penetram e nós, com cautela e humildade, tentamos vê-las além delas mesmas. Nada além da imagem parece existir na orla da praia, nem mesmo cinema. Nem fantasmas sequer para modelar o plano, as ações, o recorte de tempo.

A câmera germinou, criou raízes na lama de aparentes mangues e nos traga para dentro, com tênis, com calça, com tudo. Está tudo ali e nós somos os estrangeiros nesse novo código posto adiante, e ainda falta tempo. Respiramos mais uma vez e, quando fingimos a compreensão do código, vem a onda e nos arrasta para qualquer outra direção, nos jogando em pedras.

E num alívio impetuoso, de olhos atentos, subimos à superfície e desfez-se a imagem. Ah, Olinda! Quais outros segredos me traz? Cidade ribeira de Carnaval agitado. Toca alfaia, caranguejo, maguebeat. E com os seios armados, vem a pulsão, aquela de que tanto falam.



Dique, de Adalberto Oliveira
Mostra Brasil 8, Brasil (PE), 18', 2012

Presságio da noite inteira, caranguejo em beira de estrada. Com sons intensos, úmidos e de rosto molhado.

A encenação de personagens foge do eixo da normalidade, bem no interior de uma luz indivisível: é natural, posto os olhos que a enxergam. Tudo acontece em Olinda, com seus homens-peixe à beira da praia, comendo sururu e cuspiendo corais inteiros. Os caranguejos se escondem, o mar borbulha e o dia termina em festa.

Magnolia, de Diana Montenegro Garcia
Mostra Latino Americana 5, Colômbia, 15, 2011

“Magnolia”, por Bruna Mass

ALGO NOVO E COMOVENTE

Não tem coisa mais batida que filme de amor. Filme do amor correspondido com um obstáculo a ser ultrapassado para, então, se alcançar o final feliz do casal. Não tem coisa mais batida que filme de amor, e é por isso que me emociona que “Magnolia” utilize a história mais reproduzida de todos os tempos e consiga me dar algo novo e tão comovente.

O filme conta a história de Rafael — que, trancado em sua casa, tenta adivinhar o nome da catadora de lixo que passa todo dia pela sua rua. Ele escreve nomes de mulheres em um papel e os pendura na janela. Por timidez ou pela atração pelo mistério, o casal não troca uma palavra — durante todo o filme! — a não ser pelo murmúrio de Magnolia, indicando que nenhum dos nomes do papel é o seu. Ao invés dos mocinhos, um senhor de 80 anos e uma velha catadora de lixo. A diretora colombiana Diana Montenegro Garcia consegue se apropriar dos elementos do melodrama e os subverte, engolindo a sujeira, o velho e o grotesco, e cuspiendo um escarro de beleza e lirismo.

O melhor exemplo está em uma cena em que Magnolia chupa um limão encontrado no lixo; passando pela casa de Rafael, ela atira o fruto como um presente. Em uma clara apologia sexual, ele enfia vagarosamente o dedo no limão. A câmera parada captando o movimento do dedo de Rafael e o “barulho molhado” do limão, absurdamente realista e incomodamente ampliado, traz uma sensação de ação grosseira, algo que só o olhar de Rafael para Magnolia pode dizer sobre amor.



Asensação se repete na cena de amor dos dois em que a diretora se atreve a expor partes do corpo da senhora, mostrar a carícia do casal incorporando as rugas, as mãos sujas e as unhas mal feitas. Uma sensação que nos acompanha todo o tempo, uma espécie de incômodo, ao mesmo tempo em que se percebe o quão bonito é o que estamos vendo.



“Elevar.te”, por Ivan Ribeiro

OSSOS, CARNE, PELE, PELOS

Fiz minha primeira tatuagem após beber cinco doses de conhaque. O medo de não aguentar a dor era maior do que a dor em si. Os performistas de “Elevar.te” não têm medo. Eles penetram fundo nossas retinas, como a agulha penetra a pele.

Enquanto pelo menos metade da plateia do cinema se contorce em risos nervosos, a tela mostra uma sequência alucinante de sensações que nos atraem e repelem ao mesmo tempo. A atração pela dor. Mais que um fetiche. A busca de nossa ancestralidade. Ritual.

Não dá nem muito tempo de ficar pensando: “Qual será que é a sensação de ficar pendurado por ganchos?”. A única coisa a fazer é simplesmente sentar-se na ponta da poltrona, deixar cair o queixo e ficar suspenso no balé de luzes, cores, pinturas corporais, dança, corpos voando, sons de ganchos, correntes e agulhas.

Body-art. Só para quem tem estômago forte. Forte o bastante para absorver essa arte que assusta e fascina ao mesmo tempo. Os artistas na tela entram em uma espécie de transe e buscam nos arrastar para dentro dele e de sua poesia. Vejo na plateia um dos “atores” do filme. Coberto de tatuagens, alargadores enormes e um bebê no colo. Contraste?

Aquilo que assusta muita gente nada mais é do que uma paixão. É arte, estilo de vida. Não define caráter, mas



Elevar.te, de André Hauszler
Cinema em Curso 1, Brasil (SP), 16', 2011

mostra personalidade. O curta produzido no Senac é direcionado não só para os entusiastas da body-art, mas para o público em geral. Para quebrar os muros de preconceitos que ainda vigoram contra aqueles que entendem ter a vontade e o direito de modificar seu corpo da maneira que desejam.

Desejo. E ação. Atitude. Saio da sala do cinema extasiado, em busca do diretor André Hauszler, que estava presente na exibição, porém não o encontro mais. Sento-me no bar, abro uma garrafa de cerveja e sigo minha vida, com todas minhas tatuagens e meus nove piercings nas costas. E com a certeza de que não estou sozinho na busca de fazer do meu corpo aquilo que ele realmente é. Ossos, carne, pele, pelos. Casca. Canvas. Tela de cinema.

“Porcos Raivosos”, por Leonard de Almeida

OS KUIKURO, POR ELES MESMOS

Festivais de cinema de todo o mundo têm aberto espaço de exibição, nos últimos anos, aos chamados “filmes étnicos”. Produções com tribos africanas, aborígenes e índios latino-americanos vêm chamando a atenção da crítica e do público, tanto pelo exotismo “selvagem” que os cerca, quanto pela rica beleza de suas tradições e histórias.

É o caso desta produção pernambucana, que conta com um elenco formado apenas por índios da tribo Kuikuro, do Alto Xingu. O resultado surpreende. Ao saberem que seus maridos teriam se transformado em porcos furiosos, um grupo de mulheres decide fugir do local. A sucessão de rituais é interessante, por não deixar tão claro ao espectador urbano qual é o verdadeiro sentimento que essas mulheres estão passando.



Porcos Raivosos, de Leonardo Sette e Isabel Penoni
Mostra Brasil 4, Brasil (PE), 10', 2012

Um misto de espanto e alegria que remete a uma possível libertação de suas condições servis. A emancipação feminina que tomará o poder para si e liderará a tribo. E o que terá acontecido com esses homens? Talvez o contato com o mundo exterior seja a chave do mistério.

Falado em idioma nativo, com enredo que retrata os Kuikuro por eles mesmos, o filme nos faz perceber como podemos nos sentir estrangeiros em nosso próprio país, e como essa terra oprime deslealmente sua população indígena.

Darcy Ribeiro disse certa vez que lhe perguntaram o porquê de nossos índios necessitarem viver em reservas de proteção ambiental. “Porque eles existem!”, respondeu prontamente o antropólogo. Não só devem ser protegidos, como seus costumes e mitologias poderiam ser mais estudados por todos nós.

Trabalhos como esse fazem pensar em quantas histórias perdemos a chance de conhecer por permanecerem escondidas de nossa cultura ocidental colonizada. Obras de culturas legitimamente brasileiras, que poderiam ser mostradas para nós e para o mundo, tendo a chance de serem protagonistas de suas histórias pela primeira vez ao olhar da câmera.

“Dizem que os Cães Veem Coisas”,
por Clarice França

E A FESTA CONTINUA



Dizem que os Cães Veem Coisas, de Guto Parente
Mostra Brasil 4, Brasil (CE), 12', 2012

Mesmo sem uma presença marcante de personagem principal, “Dizem que os Cães Veem Coisas” consegue passar uma mensagem forte para o público. O filme mostra diversas imagens de uma festa, com crianças brincando na piscina, adultos conversando e rindo, jovens tomando banho de sol e seus cães devidamente presos.

A câmera vai guiando o olhar do espectador para os pontos que as pessoas estão observando. O homem gordo pulando na piscina, os decotes das mulheres, a senhora tocando um violão. Todos estão muito distraídos para verem uma criança se afogando. Os únicos que testemunham o que acontece são os cachorros, mas, por mais que façam barulho, seus donos não lhes dão a menor atenção.

O público só percebe que algo de errado aconteceu quando já é tarde demais, pois antes estávamos olhando para outras coisas da festa, assim como as pessoas que estavam lá se divertindo. Muitas vezes parece que os cachorros são mais atenciosos com os outros ao seu redor do que o próprio ser humano.

E, depois de toda a tragédia, a festa continua. Esquecemos um dos outros muito facilmente e voltamos a nos preocupar com o que nos diverte. O curta mostra em poucos minutos como a nossa sociedade chegou a um ponto em que os nossos cachorros se preocupam mais conosco do que nós mesmos. O que a princípio parece ser um filme sobre uma festa, com um roteiro apenas divertido, logo se mostra uma história bem mais profunda.



“Quem Tem Medo de Cris Negão?”, por Pedro Riera

A ARTE DA ENTREVISTA

Um documentário sobre um travesti do centro de São Paulo, pelo diretor René Guerra, o mesmo do elogiado “Os Sapatos de Aristeu” (2008). Para muitos, René estaria de novo no mesmo universo; não haveria nada de novo na filmografia do jovem realizador. Porém, o seu domínio da linguagem do curta e a intensa pesquisa sobre o universo dos travestis transcendem sobre a tela do cinema e fazem de “Quem Tem Medo de Cris Negão?” um filme completo.

Cristiane Jordan, mais conhecida como Cris Negão, foi uma espécie de Don Corleone do submundo do centro paulistano. Amada por muitos, odiada por tantos outros, Cris tornou-se um ícone no mundo dos travestis e teve um fim trágico, sendo brutalmente assassinada.

Para contar a história de Cris, René intercala depoimentos de travestis, companheiras, conhecidas de Negão, com imagens do centro da cidade. As figuras que falam são as mais variadas e cada uma tem uma imagem

da chamada “empresária” dos travestis. René parece dominar a arte da entrevista, fundamental para a construção do documentário. As histórias saem da boca dos entrevistados carregadas das mais variadas emoções.

Ao contrário do formato clássico desse gênero, a imagem de Cris Negão não aparece em nenhum momento durante o filme. Vi a sua foto apenas no programa do festival, e isso faz com que durante a exibição sua imagem lendária se construa na mente de cada espectador, como faz a literatura.

Assisti ao filme no Cine Olido, e ao sair da sessão caminhei pelas ruas do centro. O luxo e o dinheiro de 60 anos atrás não existem mais, uma terra arrasada, esquecida por muitos, porém, que borbulha e exala boas histórias. Elas, as histórias, aparecem principalmente quando anoitece, e esperam pacientemente, como um travesti na esquina da rua Major Sertorio com a Rego Freitas, artistas como René Guerra para serem contadas.



Quem Tem Medo de Cris Negão, de René Guerra
Mostra Brasil 5, Brasil (SP), 25', 2012

“O Fim do Filme”, por Peri Semmelmann

DO INCONSCIENTE CINEMATOGRAFICO

Com uma ideia bem criativa, “O Fim do Filme” propõe uma reflexão sobre qual a importância de saber o final de um filme com que nos identificamos.

O curta mostra João Lucas, funcionário de uma típica videolocadora de bairro, apaixonado pelo cinema e que, de tão empolgado com a sua magia, acaba sempre por revelar o final dos filmes para os clientes da loja.

Seu chefe, já sem saber o que fazer com o rapaz e preocupado com a baixa clientela, o transfere para o turno da noite. Em seu novo horário de trabalho, ele conhece uma garota que sempre aluga o mesmo DVD. Os dois juntos passam a debater a obra e seu final aberto. Conforme reveem o filme, vão se conhecendo melhor, e assim descobrem também sobre si próprios, com seus medos e anseios.

O diretor André Dib trabalha muito bem com a metalinguagem, dialogando com os principais gêneros cinematográficos, marcados na fotografia precisa de Quico Meirelles, filho de Fernando Meirelles. É nesse diálogo que o diretor consegue uma comunicação imediata com o público. Assim como na deliciosa trilha sonora, vários elementos que estão em nosso inconsciente cinematográfico vêm à tona durante o curta, em uma grande homenagem ao cinema.

O casal é retratado em uma atuação leve e precisa. Em suas pitorescas situações, os atores conseguem fazer nos identificar com eles e acreditar nesse improvável par. Os outros atores e atrizes ao redor trabalham para que o filme todo flua naturalmente, outro mérito para o jovem diretor.

Suas cenas finais, em que o diretor emula o filme homenageado durante o curta, são muito bonitas e despertam a vontade de ver não só o curta novamente, mas todos os filmes que marcaram a nossa vida. Como uma boa obra, ele termina nos deixando com um sorriso sincero e a certeza de que nem sempre saber ou não o final é o mais importante.



O Fim do Filme, de André Dib
Cinema em Curso 2, Brasil (SP), 15', 2012

“Elogio da Graça”, por Loiane Vilefort

PROTAGONISMO DUPLO

O documentário se baseia na narração de Maria da Graça que, por meio de recordações, revisita sua vida ao lado do falecido marido, o naturalista e cineasta sueco Arne Sucksdorff. Seguimos uma linearidade temporal do casamento e do trabalho de Arne no Brasil: o livro de fotografias e a série de reportagens, nos quais explorava a natureza do Pantanal.

Em geral, ao colocar Arne como o grande protagonista, naturalmente colocamos Graça como coadjuvante a retratar a vida e o trabalho do cineasta. Porém, no decorrer do filme, em uma organização proposital de sua fala, ela passa a assumir de forma equivalente o papel de protagonista.

Graça nos apresenta a si própria ao falar da vida com o marido. Como quando fala da paciência necessária para viver de forma itinerante pelo Pantanal à procura de material para as reportagens, ou quando comenta a sua função de administrar os gastos durante as gravações enquanto o marido se preocupava exclusivamente com as filmagens. É dessa forma que percebemos no curta o protagonismo da vida e do trabalho do casal e não a imediata síntese apenas na figura de Arne. Ainda guiados pela narração de Graça, percebemos a incômoda presença dos Sucksdorff na região mato-grossense. Pela preocupação com a preservação da natureza, eles acabaram perseguidos por fazendeiros, tornando perigosa a vida da família no Pantanal, lugar pelo qual alimentavam verdadeira paixão e que foram obrigados a deixar.



Elogio da Graça, de Joel Pizzini
Mostra Brasil 6, Brasil (MT), 25', 2011

Graça ainda nos conta que o marido dizia não acreditar em Deus, mas é de forma contraditória que termina a apresentação de sua história ao lado de Arne, com “o último poema de um sonhador”, como ele mesmo havia nomeado. Um poema cheio de gratidão pela natureza e pela possibilidade de a ter vivido, sempre invocando a palavra “Senhor”.

O que acaba por confirmar a opinião de Graça sobre o ateísmo do marido: ele acreditava, sim, em algum Deus, seja ele natureza ou energia. E confirma também a proposta narrativa do curta: o protagonismo de ambos, cada um à sua forma, porém juntos.



“Adorável Criatura”, por Tereza Temer

A BRUTALIDADE DO FRÁGIL

Uma tranquilidade aflita. Uma calma perturbadora. Um silêncio atordoante. Não importa o quanto se tente adjetivar “Adorável Criatura”. Todos os resultados serão estranhos e paradoxais, como o próprio título sugere.

Seria uma poesia? Seria uma narrativa? Um conto, talvez? A verdade é que, não importa o que seja, o filme causa inevitavelmente uma aflição no espectador. Na verdade, uma grande onda de diversos sentimentos e sensações é projetada pelo curta, sabendo explorar o momento preciso de cada uma delas.

Tudo é simbólico e nada o é. As pequenas ações, o feito — o que parece ser uma espécie de ritual deixa a incerteza do que pode ser. Um pedido? Uma promessa? Uma despedida? A cada vez que se assiste ao curta, uma nova possibilidade é descoberta.

De repente, um choque. Aplaudo aquele que não desviou o olhar da tela por um segundo que fosse. A morte é exposta da maneira mais crua e corpórea possível — ela encara o espectador, como se revelasse seu verdadeiro rosto, despido de fantasias e romantismos. Tudo flui a seu tempo, como se houvesse um próprio ritmo, único e inflexível. Enquadramentos que normalmente causariam estranhamento soam naturais em meio ao perdurar do filme — o estranho dentro do estranho torna-se normal, em um fluxo de delicadeza que impressiona.

No final, as dúvidas geradas não são respondidas. Mas já não se faz falta das mesmas. O olhar perdido, a seca do ambiente, a música que parece chorar de agonia, formam um sentido singular através da própria falta de sentido — um efeito que poucos filmes conseguem obter.

Há uma história, um motivo, um desejo. Quais exatamente, não se pode responder. Aqui, o que não se entende, se sente.



Adorável Criatura, de Dellani Lima
Mostra Brasil 6, Brasil (MG), 9', 2012

“Ressaca”, por Nicolle Reuter

AI, ESSES JOVENS DE HOJE EM DIA...

Entre as definições de “jovem” no dicionário, é possível encontrar algo como “que tem pouca idade” ou “que existe há pouco tempo”. “Ressaca” discorda. O curta nos apresenta dois personagens de muita idade que, no entanto, são uma definição precisa do que é ser jovem.

Não estou me referindo a velhinhos de espírito jovial, mas a Bia e Renato, dois vampiros universitários de mais ou menos 100 anos, que vivem eternamente o caos da juventude. Por trás da história da dissolução da república onde eles moram, o filme é essencialmente um retrato certo do que é ser jovem e vai ao encontro dos maiores clichês paranoicos a respeito da adolescência.

Desde criança somos assombrados com a ideia da puberdade e da adolescência. Tememos desesperadamente crescer, chegar no limbo cheios de dúvidas entre a infância e a vida adulta, passar pelo tortuoso caminho do amadurecimento. Ficamos petrificados quando imaginamos que precisaremos encarar o colegial, o vestibular, a faculdade, o trabalho, o sexo, as drogas, os pelos, as contas de celular e outros monstros terríveis. Quando finalmente chegamos ao inevitável destino, o atravessamos dançando, falando palavrões, bebendo, tendo ataques de riso, comendo muito e dormindo mais ainda. Percebemos então que o perigo era tão pequeno quanto em qualquer outro momento da vida, talvez menor, porque temos a capacidade infinita de rir de tudo.

O filme é uma ilustração leve, dinâmica e divertida de tudo isso, uma coleção de absurdos que cresce vertiginosamente em meio aos gritos e à bagunça, até que atingimos o caos absoluto, aquele momento que acreditamos não ter solução. Ficamos desolados quando tudo dá errado, mas somos jovens, só precisamos de um tempo para botar em funcionamento nossa habilidade de fazer piada e, quem sabe, uma festa para começar tudo de novo.



Ressaca, de Mabel Lopes
Cinema em Curso 3, Brasil (SP), 16', 2012

“Vira-Lata”, por Belisa Marques de Lima

AVENTURAS ÉPICAS NO CARIBE

Dizem que os vira-latas são os cães mais inteligentes, e o deste filme é mesmo. Com graça e ritmo envolvente, o curta de Christopher Guinness perpassa a sociedade de uma cidade de Trinidad e Tobago, mostrando suas desigualdades e problemas sociais, e tem um ar simpático, em grande parte provocado porque o personagem principal é o cachorrinho: ele guia todas as ações e a câmera, que o segue e muitas vezes é subjetiva.

Sem diálogos, o filme nos leva a situações inverossímeis e divertidas, com o cãozinho sempre ajudando as pessoas e os animais que encontra pelo caminho. Uma marcação forte das cenas é a aspereza das pessoas que cruzam seu caminho. Mesmo que ele as ajude no fim, é sempre enxotado para longe. Essas ações humanas são muito importantes, dado que o filme foi produzido por uma organização que cuida de animais abandonados.

A fotografia quente, em tons amarelos, remete ao

clima do Caribe e à alegria do personagem, retratando as muitas belezas naturais exprimidas no filme com direito a câmera aérea e gruas. Essas imagens paradisíacas levam o cãozinho à suas aventuras épicas, como descer de skate a encosta de um morro, ajudar uma tartaruga marinha e, o que poderia ser mais impressionante, nadar junto com baleias em alto mar.

Essa história curiosa vai levando o espectador cuidadosamente a se deparar com as situações ruins que são o foco do que se espera ser debatido. A montagem bem feita e a alta qualidade da filmagem são apenas guias para a causa. Afinal, existem milhares de animais em situação de abandono no mundo, e um que ajuda os pobres e oprimidos quase como um super-herói nos lembra dos problemas que precisam ser resolvidos. O fim é uma grande surpresa, já que, após todas as peripécias, se espera algo mirabolante, mas é um fim consideravelmente simples que faz o espectador rir... ou não.



Vira-Lata, de Christopher Guinness
Mostra Latino Americana 3, Trinidad e Tobago, 10', 2011



“A Galinha que Burlou o Sistema”, por Guilherme Agostini Cruz

LATENTE NO PEITO E ENTALADO NA GARGANTA

A galinha voa. Sem nos despirmos do esteticismo semântico, porém, sentiremos de imediato a grande falta da mediação do “não” entre o substantivo feminino e o verbo no presente do indicativo. Dane-se. A galinha fugiu. Corre, grita.

O diretor Quico Meirelles acertou: nos planos aéreos, na passagem da cidade à granja, nas explosões solares que entrecruzam cenas do filme. Por mais estranho que isso possa parecer, o curta se distancia da pretenção estética, vício do cinema universitário, e respeita a linha narrativa.

É sobre o cotidiano que “A Galinha que Burlou o Sistema” se debruça: a vida rotineira de uma massa quase homogênea (uniformidade que nos espanta e nos afugenta, em primeiro tempo, pela simples possibilidade de identificação). É esse o ponto-chave que faz o filme se sobressair e fornecer coerência e potência ao seu plot narrativo, que muito se distancia do lugar-comum; o ponto que nos atinge e cavouca a ferida cicatrizada: galinha de pinta azul no nariz.

É com essa alegoria dada, às vezes didática por demais, que o filme tenta traduzir pelos olhos de um animal aquilo que nos inquieta, que está latente no peito e entalado na garganta. Com inserções sistemáticas de animação e elementos trazidos do documentário, o curta faz um híbrido de linguagens, jogando com o próprio conceito de gêneros.

Personificação talvez não seja a palavra apropriada para o filme, mas certamente ela não possui pouca importância na película, trazendo como exemplo próximo “A



A Galinha que Burlou o Sistema, de Quico Meirelles
Panorama Paulista 4 – Brasil (SP), 15', 2012

Marcha dos Pinguins” (2005), de Luc Jacquet. Por fim, é com certa dureza que o filme nos faz olhar para dentro e refazer aquele laço quebrado que costumamos a remendar.

De longe não é um final feliz, mas também não é trágico: instala-se no meio, oscilando entre os extremos. Voa, galinha! Voa! Os patos se distanciam na linha do horizonte, o sol ofusca a vista: o que é aquilo?

“Filme para Poeta Cego”, por Júlia de Andrade Longo

INTOLERANTES OU CEGOS?

Sabemos que a cegueira ao longo dos anos ganhou muitas representações, desde a branca e temporária do romance de José Saramago até a de documentários que mostram a difícil realidade dos cegos. Este curta, no entanto, não tenta fazer com que os espectadores experimentem essa vida, nem que tenhamos pena dos cegos. Muito pelo contrário: fala de uma sociedade intolerante e critica os politicamente corretos.

Quem imagina os cegos como coitados se surpreenderia com Glauco Mattoso. Entre cenas sádicas e engraçadas, descobrimos algumas coisas sobre o poeta, que só se dispôs a fazer o curta na condição de não ter que reviver seus momentos de abuso, mas de poder viver o papel de abusador.

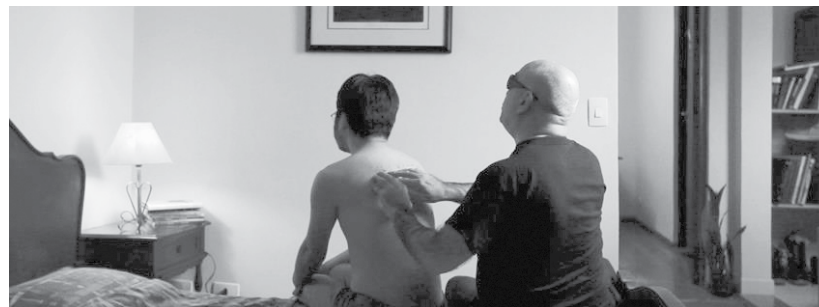
Mattoso consegue não só provocar risadas, mas também criticar o espaço condenável que um cego sádico ganha em uma sociedade com certos e errados já muito bem estipulados. Mesmo misterioso, o personagem-poeta consegue, em poucos momentos, suavizar sua persona.

Assim, meio nas entrelinhas, descobrimos como é ter pesadelo e, ao acordar, ainda não ver nada; como é carregar algo que, diferente dos assédios sofridos, não

passará; ou, ainda, pensar a vida como “uma fábula que deu errado”.

O comprometimento com o filme se dá para além do envolvimento do diretor e do poeta. O curta é composto por planos longos e bem enquadrados que ajudam o espectador a mergulhar na vida do poeta e, dessa forma, tentar o impossível: desvendá-lo.

A questão por trás da relação abusado/abusador permeia o curta, no qual se questiona a intolerância de uma sociedade que não aceita abusadores, mas que também não aceita sádicos que se apropriem do abuso para “jogar o abuso na cara do abusador”, como explica Glauco.



Filme para Poeta Cego, de Gustavo Vinagre
Mostra Brasil 2, Brasil (SP), Cuba, 15', 2012

“Até a Vista”, por Bruno Marra

SEGURANÇA DISCURSIVA



Até a Vista, de Jorge Furtado
Mostra Brasil 2, Brasil (RS), Argentina, 18', 2011

Se imobilidade não dá filme, seria então a resposta para essa questão colocar os personagens para viajar? E quanto à edição, deveria ela também se orientar pelo dinamismo de um deslocamento com fim em si mesmo?

Ao abordar a história de um cineasta que tenta adaptar um livro para o cinema — acabando por constatar, ao fim de todo um investimento de tempo, dinheiro e milhas, que a obra apresenta um personagem “inexpressivo” demais para uma transposição à grande tela —, “Até a Vista” se apresenta como um filme de posicionamento.

Por meio de seu tema (e de certas emulações em sua montagem e pano de fundo), a obra parece defender certo limite, modo de procedimento e até uma função do fazer audiovisual. Ao apresentar personagens que tendem levemente ao burlesco em uma mise-en-scène da eficiência — não a narrativa, já que cenas como a da compra da cerveja não fazem evoluir muito a história, mas sim a funcional —, “Até a Vista” deixa clara a autoconsciência de seu objetivo; isto é, o de ser um filme que se quer acessível e leve.

O curta declara inviável a transposição de um certo personagem hermético da literatura para o audiovisual. Ele se revela como defensor de um cinema da exterioridade, dos sentimentos transbordantes e comunicados. Ele o faz de uma forma não opaca, cara ao cinema dito “clássico”; fato esse que acaba por criar uma impossibilidade de diálogo, já que, ao fazer uma afirmação tão contundente em sua certeza de si, o curta só deixa como opção à aceitação um confronto total — a não concordância plena — e essa é uma atitude corajosa em sua segurança discursiva. É concordar ou discordar sem muita chance para o meio termo.



“Isso não é o Fim”, por João Pedone

FÁBULA MORALIZANTE

O filme de João Gabriel Leite se passa em uma região marginal onde um velho administra um banheiro público a R\$ 1. A sequência inicial nos apresenta esse espaço atendendo a uma necessidade real, o que contrapõe o caráter surreal do ambiente, que poderia parecer alegórico.

Porém, essa sequência — a única em que a montagem obedece à linearidade da ação — é o momento solitário em que esse espaço é tratado de maneira realista (acho curioso que a latrina nunca seja usada para fins fisiológicos). O resto do filme destila uma montagem que não estabelece relação espacial ou temporal direta entre as imagens.

Os espaços desunidos pela decupagem desorientam a compreensão da geografia fílmica em uma obra cuja narrativa é linear (exceto por alguns planos soltos). A acronologia serve à representação de um cotidiano que se reitera (comer, trabalhar, andar), de forma que os eventos pontuais (pegar o gato, brigar com skin-heads), descolados de seu contexto, adquirem tom arquetípico, mesmo em uma realidade social altamente contraditória.

O abandono da continuidade burguesa serve aqui ao achatamento do espaço social e da personagem que, construída em meio a uma rotina que se reitera, se planifica em um tipo. O protagonista tem por único gesto observar. Seu trabalho é passivo, sua capacidade de relacionamento com o universo que o cerca tem por limite seu próprio corpo (exceto pela cena final).

E seu olhar se dirige constantemente de forma paternalista a grupos desamparados: bebês, minorias, animais de rua. Esse grupo de características faz com que o protagonista possa ser identificado com o próprio realizador. Impossibilitado de agir positivamente na proteção dos seres que o rodeiam, o personagem substitui sua fonte de renda, a latrina, por uma cadeira onde a lactante pode cuidar de seu filho. A forma reitera a narrativa de fábula moralizante. Nada contra fábulas, apenas espero que digam algo de relevante.



Isso não é o Fim, de João Gabriel Leite
Panorama Paulista 5, Brasil (SP), 15', 2011

“Três Vezes por Semana”, por Renato Duque

DO CULT À CHANCHADA

No início do filme, Sílvia acorda em uma ambientação soturna. Um clima melancólico perpetua a fotografia, a duração das ações e a própria situação dessa senhora, que mora sozinha em uma casa com goteira. A trama é facilmente dedutível: dado o início do filme, o tom dos diálogos e das atuações procura de toda forma explicitar o que está ocorrendo na trama, a ponto de serem quase cômicos.

E é nesse “quase” que o curta flerta com o gênero da comédia, perpassando de momentos quase irônicos (como a música que toca no momento da hidroginástica das senhoras) para momentos mais intimistas com a protagonista e sua agonizante mentira. A trama segue com momentos de comédia interessantes, tendo em vista a personalidade de Sílvia e as suas colegas instigando-a.

Mas não se sabe até que ponto a direção e o roteiro estão conscientes acerca das escolhas de tom e clima, pois há um misto de “lugares-comuns” do cinema, muito diferentes entre si para que haja uma real coesão narrativa. Poucos filmes alcançam essa variedade conscientemente.

Por exemplo, na hora da viagem de ônibus: uma montagem em linguagem recorrente a momentos de “viagens” em filmes, genérica, em meio a um filme de planos e momentos bem autorais, por assim dizer. Essa problemática fica clara no momento em que Sílvia se encanta por sua colega no banheiro. É compreensível que houve uma busca estética especial para esse



Três Vezes por Semana, de Cristiane Reque
Mostra Brasil 3, Brasil (RS), 15', 2011

momento, mais sensível, mas, novamente, falta um “grude” com o confuso clima do resto.

E não deixa de ser uma linguagem já decodificada, como a pequena profundidade de foco e o tipo de montagem de momentos mais sensoriais na contemporaneidade, o que apenas me levou a crer na apropriação desse e de outros sentidos comuns estéticos cinematográficos.

Em uma reviravolta rápida da trama, Sílvia resolve viajar de avião; surge uma personagem cômica, plenamente “kitsch”, que aponta um final feliz para a protagonista. A história é carismática e o trabalho de atores ganha fácil nossa simpatia. Mas sai-se com uma impressão meio solta em relação à construção do filme que, de propósito ou não, começa “cult” e termina “chanchada”.

“Virou o Jogo: a História de Pintadas”, por Eleonora Del Bianchi

QUEM ESTÁ NO COMANDO?

É genial que um grupo de mulheres, em um pequeno município brasileiro que tende a ser extremamente conservador, se junte contra um tema geralmente tão enraizado nessas comunidades como o machismo, bem como a ideia de divulgar isso em um curta. Mas não acho que foi feito da melhor forma.

Toda a história da “revolução” na cidade se desenvolve em volta de um campeonato de futebol feminino. O tempo todo a imagem volta para o mesmo jogo. Sabemos que o futebol é um esporte considerado masculino e que isso é um grande símbolo de mudança, mas ficar voltando para essa cena e reiterando a ideia em um curta de 14 minutos é incompreensível.

Não temos ideia de como foi o processo de mudança na cidade. Sabemos que as mulheres se juntaram em um grupo, mas não sabemos quando foi, por que, quais eram os principais pontos de debate e como foram combatidos. O título “Virou o Jogo” é extremamente feminista, dá a ideia de que agora as mulheres estão no



Virou o Jogo: a História de Pintadas, de Marcelo Villanova
Mostra Brasil 9
Brasil (BA), 14', 2012

comando, enquanto o filme tenta mostrar igualdade entre homens e mulheres.

Ele também é muito maniqueísta: só aparecem mulheres falando como as coisas mudaram e seus maridos dizendo que concordavam. Duvido muito que todos na cidade pensem assim. Algumas das falas dos maridos me pareceram muito forçadas; são pessoas que tiveram uma educação muito machista a vida inteira e, de repente, a cabeça muda totalmente para todos? Seria muita inocência pensar assim. E esse é um grande problema, pois o curta, que poderia ser um símbolo de esperança para a igualdade entre homens e mulheres na sociedade, se torna utópico.



“É um Pouco Disso”, por Ivan Ribeiro

A FORÇA COLABORATIVA DA TEIA

Os curtas produzidos nas Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual são resultado do empenho de diversos realizadores. Cada um deles foi produzido por um coletivo de pessoas que colaboraram entre si para que o projeto fosse exibido no Festival em 2012. Colaboração. É esse o tema abordado em “É Um Pouco Disso”, fruto dessas oficinas.

No curta, acompanhamos entrevistas de artistas independentes que falam sobre a estrada por onde passam diariamente. O documentário, com cinco minutos de duração, tem estética própria de videoclipe, presente na edição dinâmica, na trilha e no colorido da direção de arte, que segue a mesma linha do colorido da própria casa Fora do Eixo, em São Paulo, cenário do filme.

Os entrevistados — gaúchos integrantes das bandas de rock Picanha de Chernobill e Os Vespas, e do

Núcleo de Pesquisa Teatral Santa Viscera — falam da necessidade da troca entre artistas para superar dificuldades ao longo do caminho. Com o fato de que o nosso país não investe o suficiente em cultura, poucos ainda se admiram. Admirável mesmo é a força dos artistas independentes em manter sua arte viva por meio, principalmente, do mutualismo.

O artista que sai de sua cidade, por exemplo, dá continuidade à sua trajetória graças a iniciativas independentes da ação do governo. Independentes como a rede Fora do Eixo, que tem representantes em todo o país. Em uma rede, os pontos estão interligados por linhas. Viajando nelas, os artistas vão de um ponto a outro, fortalecendo a teia toda.

Cada ponto da teia é formado por diversos outros pontos e linhas, em escala menor. E é com essa força que muitos artistas seguem, por todo o país, fazendo de cada apresentação a melhor, porque pode ser a primeira ou a última vez que alguém do público verá aquela obra de arte, e a experiência pode ser fundamental na vida dessa pessoa, como afirma um dos entrevistados. Concordo com ele. É um pouco disso.



É um Pouco Disso, de Caio C. Tameirão, Carlos Eduardo Ishikawa, Caroline R. Garcez, Gabriel C. Bargmann, Micheli P. Coutinho, Thiago M. Guimarães
Oficinas Kinoforum, Brasil (SP), 5', 2012

“Desterro”, por Leonard de Almeida

PEÕES DESCARTÁVEIS DE XADREZ ENGANOSO

Locações desoladas em meio ao mato e ao abandono. Fragmentos de lembranças que não querem se dissipar, reminiscências cravadas nos escombros de uma cidade que perdeu seus habitantes, sua vida. Ao lado dela, uma represa, onde a água impera ameaçadora e calma. Enquanto isso, uma pessoa ainda persiste em continuar ali a sua vida. Por quê?

O documentário mostra uma região da Bahia composta por quatro cidades, evacuada pelo Estado para a construção de uma barragem em 1976. Toda a população foi obrigada a se retirar, pois as águas varreriam tudo. Apenas uma cidade não foi devastada. Nela restam casas, igrejas e prédios desfigurados pelo tempo. Também resta Dona Pequenita, idosa que conta suas memórias para Thereza Batalha, cinegrafista que filmou o desalojamento e a partida das famílias do local.

As desbotadas filmagens nos proporcionam um clima onírico, melancólico, que contrasta com as risadas e cantigas de Dona Pequenita. E por que será que ela ainda sorri? As famílias partiram para algum canto do país, escoraçadas, vítimas de um suposto progresso de que não puderam desfrutar. Mas Pequenita decidiu voltar. Por quê? Talvez por falta de outro destino que lhe acolhesse tão bem quanto seu antigo lar.

Mas essa questão não chega a ser abordada. Esse é um filme que traz pelo menos dois questionamentos. O primeiro: como se configura em nossa vida a estrutura de um lar? Dona Pequenita parece se encontrar em meio às ruínas. Sua existência não parece ter um pleno sentido fora dali. Sua casa, sua família, sua juventude e alegria continuam lá presentes. E nem as águas da barragem poderiam varrê-las.

A outra questão é a ação do governo, esse pernicioso poder que varre do tapete de interesses o povo mais humilde, como peões descartáveis de um xadrez político enganoso. Um Brasil que vende a ideia de progresso desde sempre. Mas a que custo? Quantas Pequenitas existirão em Pinheirinhos e Xingus? Provavelmente, novos documentários nos dirão.



Desterro, de Marília Hughes, Cláudio Marques
Mostra Brasil 4, Brasil (BA), 14', 2012

“Porn Karaoke”, por Pedro Riera

INTRIGANTE E PERTURBADOR



Porn Karaoke, de Daniel Augusto
Panorama Paulista 1, Brasil (SP), 14', 2011

Após cada experiência sexual, surgem em uma jovem adolescente tatuagens por todo o corpo. A premissa de “Porn Karaoke” é original e intrigante; a narrativa, frenética e em alguns momentos perturbadora.

Para explicar a história dessa mulher, o diretor Daniel Augusto utiliza a ação paralela. Intercala a história da mulher adulta, sem nenhuma tatuagem no seu corpo, procurando explicação para tal acontecimento, com a da mesma mulher jovem, uma adolescente provocante que a cada nova experiência sexual “ganha”

sem nenhuma explicação uma linda tatuagem, fazendo do seu corpo uma pintura itinerante.

Para complementar a frenética narrativa, no meio das duas ações, inserts de filmes adultos do início do século XX, sem nenhum pudor, provocam e causam certa estranheza para o espectador um pouco mais conservador. Lembrando a montagem e o ritmo de “Réquiem para um Sonho” (2000), o curta mistura estéticas orientais, paisagens de São Paulo e trechos em preto e branco. O resultado, porém, não é uma bagunça de estilos e cores. Fica evidente que essas escolhas foram feitas pensando na história que se quer contar e, principalmente, na construção de um universo muito particular no qual o filme está inserido. A produção teve o apoio da Gullane e a qualidade técnica fica evidente devido a esse suporte. Belas locações, fotografia, maquiagem e som são os diferenciais do curta em relação a outros filmes que não possuem os mesmos recursos.

O elenco conta com a participação do multiartista (músico, videoartista, artista plástico) Eduardo Climachauska, e das jovens promessas Giulia Amorim e Francisco Miguez (“As Melhores Coisas do Mundo”). Essa mescla é importante e traz uma força na hora da divulgação do filme.

No final, guiada por um homem misterioso, a mulher descobre o motivo do sumiço das tatuagens, porém, a explicação não fica muito explícita, o que causa certo desapontamento para alguns espectadores. A premissa interessante intriga e chama o público para dentro da sala; a construção da narrativa e o final fazem com que as palmas demorem um pouco a sair quando sobem os créditos. “Porn Karaoke” peca um pouco nesse sentido, mas é um ponto incomum no mar de filmes poéticos que tomam conta do universo dos curtas. Elogios sempre para a ousadia.



“Going Kinski”, por Peri Semmelmann

QUERO SER FITZCARRALDO

Um dos curtas mais legais a que assisti nos últimos tempos, “Going Kinski” é uma divertida hipérbole. Com uma história nada convencional, intercalando momentos de exagero e sutileza, o curta acaba funcionando muito bem. Fitz é um moto-taxista em Iquitos, na Amazônia peruana, que acredita ser filho bastardo de Klaus Kinski, ator de “Fitzcarraldo” (1982), e que teria sido concebido enquanto o suposto pai filmava na cidade o longa de Werner Herzog.

Para homenagear Klaus e sua paixão pelo filme, Fitz cria um city tour pelos principais pontos de filmagens, pinta seu moto-táxi de branco, descolore o cabelo e anda pela cidade em busca de interessados, ouvindo ópera em alto e bom som. Mas logo ele descobre que os atuais habitantes de lá, além de desconhecerem o filme, não se interessam por seu passeio.

Fitz, assim como o protagonista de Fitzcarraldo, se julga um incompreendido. Tenta, até mesmo por imposição, que as pessoas conheçam sua obra. Tenta compartilhar a arte que julga mais bela. Pablo Saldarriaga, que interpreta Fitz, se sai muito bem no papel. Quase um tropical Sacha Baron Cohen, ele consegue intercalar bem momentos de humor com os de drama (sim, eles estão presentes!).

Mérito do diretor Smokey Nelson — que, de forma muito sutil, faz graça das situações mais delicadas. Fitz leva seu sonho de fazer um city tour até as últimas consequências, e é justamente nos momentos de loucura que o curta dialoga com o longa homenageado. A ópera aqui funciona como elemento de ligação e de catarse. É nas ações mais improváveis e esdrúxulas de Fitz que simpatizamos com ele. As



Going Kinski, de Smokey Nelson
Mostra Latino-americana 1, Peru/EUA, 23', 2012

cenas feitas no caótico trânsito demonstram bem o quanto ele é diferente daqueles que o cercam. O protagonista encontra somente em um objeto inanimado o apoio que procurou pela cidade toda.

Além de uma grande ode à paixão pelo cinema, Fitz representa um pouco de cada um de nós, em sua busca por ter seus sonhos reconhecidos e brigar por nosso espaço no mundo. Por mais improvável que poderia parecer, Fitz encontrou seu público-alvo.

“Pequenos Comentários”, por Tereza Temer

O CINEMA NÃO CABE NO CINEMA

Velocidade, animações, estética comercial. A irresistível fascinação estética da pop art. E também de “Pequenos Comentários”. O curta não se perde em sua proposta — trata-se, antes de qualquer coisa, de um filme de arte.

“Pequenos Comentários” se introduz por meio de uma série de imagens da natureza, em uma estética que já anuncia seu estilo; ele muda o próprio mundo natural, e impõe a ele seu ritmo. O filme recorre ao sintético e ao moderno, em um pastiche de linguagens



°, de Daniel Bruson, Vitor Cervi
Panorama Paulista 2, Brasil [SP], 11', 2012

— oscilando principalmente entre a televisiva e a de animações, em busca de construir sua própria identidade cinematográfica.

Toda obra de arte tem o propósito de provocar. E o curta não fica para trás — esse é seu grande trunfo. Depois de algum tempo assistindo à segunda parte do filme (na qual entram as imagens de um apresentador de programa de TV), nota-se um subtexto de crítica, que abrange do mais banal, como o mergulho de patos, até o mais complexo, como a origem da vida.

A eficiência da crítica se pauta essencialmente pelo tom irônico que lhe é conferido na justaposição da legenda e seus comentários afiados com a imagem impassível e entediada do apresentador de televisão. Outro aspecto de destaque no curta seria sua utilização constante do non-sense, recurso que sempre se mostra atraente ao público.

Vale ressaltar também a escolha de trilha para o filme. Em diversos momentos, ela se basta com um som de baixo volume, mas que se faz presente por um atordoante ruído agudo; em outros, se vale de outros ruídos que soam como interferências de rádio, ou de nuances de instrumentos de música clássica.

Tais escolhas acentuam ainda mais o aspecto sensorial do filme. Graças à ousadia e ao pastiche de filmes como “Pequenos Comentários”, essa arte se mostra uma das mais híbridas e complexas. O cinema já não cabe na sala de cinema.

Traz Papel, de Evandro Berlesi
Mostra Online KinoOikos, Brasil [RS], 12', 2012

“Traz Papel”, por Nicolle Reuter

ENSINANDO A PESCAR

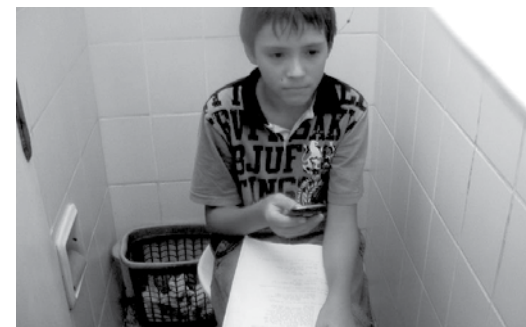
A Associação Cultural Kinoforum e a Ouroboros Cinema e Educação lançaram o site KinoOikos em agosto de 2007, com a intenção de criar um espaço para a divulgação e a expansão da produção audiovisual pelo país. Objetivo alcançado e que pode ser verificado no endereço www.kinoOikos.com, onde se encontra o curta “Traz Papel”, do projeto Alvorço nas Escolas, do Rio Grande do Sul.

No filme, ocorre uma divertida situação na qual um estudante vai ao banheiro e, ao terminar, não encontra o papel higiênico. Em busca da solução, o garoto é levado a tentativas desesperadas, sempre permeadas por personagens cômicos e situações cada vez mais “nonsense”.

Depois de se expor ao constrangimento com a namorada, ao descaso com o diretor, à bronca ecologicamente correta do presidente do grêmio e ao sensacionalismo da polícia e da mídia, o menino finalmente encontra sua solução e, como era de se esperar, tudo acaba bem.

Por trás dessas situações e personagens, o filme apresenta pequenas discussões ideológicas e atuais. Esse aspecto confere a ele um certo caráter educativo, apropriado ao ambiente escolar em que foi feito, mas sem perder a graça e longe de se parecer com um vídeo informativo, inclusive porque os temas são apenas citados. O filme não se propõe a ensinar nada — exceto a prestar atenção se tem papel quando vamos ao banheiro.

Independentemente do conteúdo do curta, é nítido que há nele um estudo sobre a linguagem cinematográfica e uma exploração das possibilidades oferecidas pela plataforma. É nesse aspecto que o projeto me parece mais interessante: ele transpõe a barreira da simples execução em prol do conhecimento técnico. Os alunos não estão apenas fazendo filmes, estão aprendendo a entendê-los. Depois da experiência, com certeza não serão mais os mesmos espectadores.





“O Duplo”, por Bruno Marra

O CORPO E O TRABALHO

A relação entre corpo e trabalho implica certo desgaste, o qual deve ser compensado pelo descanso ou, em uma eventual insuficiência do mesmo, devem ser providas — através dos meios adquiridos com o fruto desse trabalho — formas outras de manutenção para que o corpo se recomponha e o ciclo continue a fluir sem maiores atritos. “O Duplo” parece ser uma fissura nessa relação corpo/trabalho.

O trabalho aqui é algo delicado, difícil de ser verbalizado. De todas as vezes que a professora fala sobre suas atividades com os alunos, nenhuma sequer deixa de ser truncada em suas palavras, atrapalhada pelo barulho de uma colega ou por um desmaio frente aos pais dos estudantes.

O corpo da protagonista dá sinais de dificuldades motoras, o instrumento de trabalho (giz) recebe a descarga de tensão. O “duplo” da professora é um corpo sem expressão, um corpo existente pela simples fisicalidade

do existir, um corpo desprovido de tensões e embates, um corpo-objeto e finito em si.

Essa presença faz desequilibrar para o lado físico a lógica do desgaste em constante manutenção. Agora, o duelo entre as diversas forças adquire traços mais carnis: são os músculos que começam a agir. Se o trabalho invade até mesmo a cama — território dos corpos —, uma contraofensiva à altura buscará minar as bases do inimigo, ou seja, os corpos que se articulam em seu favor — seja através de um ataque ao aluno ou à colega de profissão.

O sangue se torna o combustível dessa luta entre carnes e seus diferentes serviços; ele é bebido com grande ânsia, é a necessária compensação pelo esforço. Até mesmo para se emancipar do trabalho, certo trabalho é necessário. A escola — como instituição em Foucault e sua disciplinarização dos corpos — é aqui desencadeadora de um embate entre forças inflexíveis.

O “duplo” visto primeiramente pela janela passa a adentrar esse espaço, a vagar por seus corredores e, trazendo consigo o desequilíbrio, torna a instituição pequena demais para os dois maiores agentes aqui em confronto. Na relação entre corpo e trabalho de “O Duplo”, a matemática das intersecções não resulta em números perfeitos — essa é a beleza do filme.



O Duplo, de Juliana Rojas
Mostra Brasil 8, Brasil (SP), 25', 2012

“Na sua Companhia”, por Ivan Ribeiro

CICATRIZES E POSSIBILIDADES

Além do longa francês “Irreversível” (2002), dirigido por Gaspar Noé, “Na sua Companhia” é o único filme que recordo ter visto com uma sequência dentro de um “sex-club” masculino. Dos filmes tratando a homossexualidade aos quais assisti, certamente este é o que retrata com mais crueza o amargo e solitário submundo dos “guetos” homossexuais.

Tomemos São Paulo, onde a história se passa, como modelo. Inúmeros homossexuais vivem na cidade, assumidos ou não, divididos entre a vida “aceitável” da família e do trabalho e a vida “secreta” dos bares, casas noturnas e locais para encontros e prática de sexo. Sexo pelo sexo, satisfatório, mas geralmente acompanhado daquela gelada sensação de vazio por dentro.

Pessoas costumam buscar outras pessoas com quem possam dividir suas histórias. Como conhecer alguém que seja aquele que você procura no meio desse submundo oculto? “Na Sua Companhia” acredita ser possível. O diretor Marcelo Caetano é um observador atento e tem o olhar fino para descobrir as possibilidades de relação sincera, as reais vontades e os sonhos dos frequentadores desse mundo que muita gente não conhece por fazer questão de olhar para o outro lado.

Caetano já demonstrou isso em um de seus filmes anteriores, “Bailão” (2009). Em “Na sua Companhia”, a utilização de câmeras amadoras nas sequências em que o casal protagonista se filma aproxima a história muito mais do público, materializando uma certa ideia de que o que se vê na tela

poderia estar acontecendo com quem está sentado na plateia, e revelando outro elemento presente no filme e nas relações: as cicatrizes.

Cada lugar em que passamos e cada pessoa que conhecemos deixa mais uma cicatriz em cada um de nós. Quanto a mim, homossexual, humano, com lacunas e desejos, vou sempre me lembrar de “Na sua Companhia” quando estiver alternando entre minha vida de práticas vazias e minha vida de desejos reais. E acreditar que há possibilidades.



Na sua Companhia, de Marcelo Caetano
Mostra Brasil 4, Brasil (SP), 21', 2011

“Cine Camelô”, por Belisa Marques de Lima

UM FILME TODO SEU POR CINCO REAIS

Todo paulista já ouviu falar da rua 25 de Março, e até quem não é de São Paulo tem ideia de por que ela é tão especial. Uma única rua, no centro da maior metrópole do Brasil, onde você pode comprar de tudo a preços incrivelmente mais baixos que a média da cidade, e até do país. Por esse motivo, atraindo pessoas de todos os lugares, o que a leva a ser uma das ruas mais cheias da capital.

É nesse cenário que se passa “Cine Camelô”, que chega a ser um retrato documental de um lugar tão específico e, ao mesmo tempo, tão variado. A ideia é simples e ao mesmo tempo original: montar um pequeno set para filmar e editar, em um tempo supercurto, as histórias das pessoas que estão passando e se interessam em participar.

Com esse princípio de efemeridade do comércio ambulante do centro de São Paulo, é criado o conceito de “Cine Camelô”. Primeiro, vemos que muitas pessoas rejeitam a ideia, mesmo com o diretor Bigode tentando convencê-las a “fazer seu próprio filme por apenas cinco reais!”, no inconfundível estilo de vendas dos ambulantes camelôs.

Porém a curiosidade, e o apelo de estrelar um filme só seu, acaba convencendo várias pessoas a participar. Esse é o grande trunfo do curta. Cada participação é única; algumas são cômicas e meio desengonçadas, outras são mais elaboradas pelo próprio participante, que entra completamente na brincadeira e enriquece a pequena obra.

A oportunidade de fazer seus próprios filmes inspira a capacidade de contar histórias, um atributo social muito apreciado e que está presente há séculos. No meio da “era do audiovisual”, em que todos têm uma câmera portátil, e em que qualquer um pode fazer filmes e editar, uma ideia como essa nunca foi tão interessante e natural.



Cine Camelô, de Clarissa Knoll
Panorama Paulista 3, Brasil (SP), 15', 2011

OS 10 PREFERIDOS DO PÚBLICO

MOSTRA BRASIL



A CIDADE, de Liliana Sulzbach
RS, 25', 2012



ANIMADOR, de Cainan Baladez
e Fernanda Chicolet
SP, 20', 2012



DIA ESTRELADO, de Nara Normande
PE, 17', 2011,



ELOGIO DA GRAÇA, de Joel Pizzini
MT, 25', 2011



LINEAR, de Amir Admoni
SP, 6', 2012



**QUEM TEM MEDO DE CRIS
NEGÃO?**, de René Guerra
SP, 25', 2012



QUINHA, de Caroline Oliveira
PE, 19', 2012



PENAS, de Paulinho Caruso
SP, 14', 2012



O DUPLO, de Juliana Rojas
SP, 25', 2012



VESTIDO DE LAERTE, de Claudia Priscilla,
Pedro Marques
SP, 13', 2012

patrocínio

BR PETROBRAS



AVON

NET
COMUNIDADE

correlação

SESC
sescsp.org.br



MIS
MUSEU DE IMAGEM E SOM

cinusp

copatrocínio

Secretaria Municipal de Cultura
de São Paulo

colaboração

CONSULADO GERAL DA FRANÇA
CTAI / SAI / MINE
INSTITUTO GOETHE
CENTRO UNIVERSITÁRIO SENAC
UNIFRANCE
UNIVERSIDAD DEL CHILE

apoio e promoção



SESC TV



Cinema

apoio

Quanta

Telmage

CINEPRODOT

pond5

FAAP

PlayStation

DOLBY

COMEX

cinecolor

cinecolor

TPV

FedEx

Programa de Apoio à Produção de Filmes e Documentários
Cidade de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Programa de Apoio à Cultura (PAC)

Prox

SÃO PAULO
Cidade de São Paulo

realização

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL
KINOFORUM**

Ministério da
Cultura

BRASIL
15 de Novembro de 2012